

APAV[®]



associação portuguesa de

Apoio à Vítima

Recortes de Imprensa

Junho 2016



Apoio:



GILDA PAREDES ALVES ANFITRIÃ DE MAIS UM BAILE DA FLOR SOLIDÁRIO

“A violência doméstica choca-me muito e este ano escolhemos a APAV para ser beneficiada pelos fundos angariados.” (Gilda Paredes Alves)

FAMOSOS / CARAS / 14 DE JUNHO DE 2016, 13:00



João Lázaro, da APAV, com Maria do Céu Garcia

4 / 8

VICTOR FREITAS

O Baile da Flor comemorou 16 anos e a festa não podia ter sido mais glamorosa e animada. **Gilda Paredes Alves**, a organizadora do evento, era o espelho da felicidade. *“Faço dois eventos solidários por ano e fico muito feliz, porque há sempre alguém que se diverte e angariamos sempre fundos que depois são bem entregues a associações de solidariedade que necessitam”*, disse Gilda à CARAS já no final da festa que levou flores e diversão ao Hotel Palácio do Estoril no passado dia 21.

Este ano, o valor do jantar – cada lugar custava 120 euros – reverteu em exclusivo para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). *“Todos os anos escolhemos uma associação. A violência doméstica choca-me muito e este ano escolhemos a APAV, à qual vamos entregar um cheque de 5.400 euros. Estou muito satisfeita com isso”*, explicou ainda a anfitriã. **João Lázaro**, presidente do instituto, agradece. *“Toda a ajuda é importante, sobretudo na divulgação da missão e dos serviços da APAV. Estas iniciativas solidárias permitem-nos continuar a nossa missão e chegar cada vez mais longe”*, refere, adiantando que a APAV tem 15 gabinetes, duas casas-abrigo e uma casa de acolhimento. *“Precisamos sempre de recursos e qualquer que seja a quantia é bem-vinda”*. Uma noite divertida e solidária que juntou, como é habitual, muitas caras conhecidas.



GILDA PAREDES ALVES ANFITRIÃ DE



Sissi Prata, Gilda Paredes Alves e Maria José Galvão de Sousa



João Lázaro, da APAV, com Maria do Céu Garcia



Fiona Ferrer, Cruz Sorzano e Santiago Bandres

“A violência doméstica choca-me muito e este ano escolhemos a APAV para ser beneficiada pelos fundos angariados.” (Gilda Paredes Alves)

FOTOS: VICTOR PRETAS



MAIS UM BAILE DA FLOR SOLIDÁRIO



Isabel Meirelles e Luís
Vasconcelos Salgado



Virginia d'Almeida
Gerardo e Flávio
Carmelo



Teresa Pinto Coelho
e António Vilar

O Baile da Flor comemorou 16 anos e a festa não podia ter sido mais glamorosa e animada. **Gilda Paredes Alves**, a organizadora do evento, era o espelho da felicidade. *"Faço dois eventos solidários por ano e fico muito feliz, porque há sempre alguém que se diverte e angariamos sempre fundos que depois são bem entregues a associações de solidariedade que necessitam"*, disse Gilda à CARAS já no final da festa que levou flores e diversão ao Hotel Palácio do Estoril no passado dia 21.

Este ano, o valor do jantar – cada lugar custava 120 euros – reverteu em exclusivo para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). *"Todos os anos escolhemos uma associação. A violência doméstica choca-me muito e este ano escolhemos a APAV, à qual vamos entregar um cheque de 5.400 euros. Estou muito satisfeita com isso"*, explicou ainda a anfitriã. **João Lázaro**, presidente do instituto, agradece. *"Toda a ajuda é importante, sobretudo na divulgação da missão e dos serviços da APAV. Estas iniciativas solidárias permitem-nos continuar a nossa missão e chegar cada vez mais longe"*, refere, adiantando que a APAV tem 15 gabinetes, duas casas-abrigo e uma casa de acolhimento. *"Precisamos sempre de recursos e qualquer que seja a quantia é bem-vinda"*. Uma noite divertida e solidária que juntou, como é habitual, muitas caras conhecidas. ●



Leila Nyrop, Udo
e Marion Kruse



Taróloga aconselha “amor” contra violência doméstica

Programa. Associação de Apoio à Vítima critica conselho de Carla Duarte em direto na SIC e já recebeu queixas de cidadãos contra o caso

ANA FILIPE SILVEIRA

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) condenou ontem os conselhos dados pela taróloga Carla Duarte a uma espectadora da SIC. No programa das manhãs *A Vida nas Cartas – O Dilema*, Maria da Glória afirmou ser vítima de violência doméstica “há mais de 40 anos”. A taróloga aconselhou-a a “dar amor” e “mimo” ao marido. “É uma pena o que foi dito. Os meios de comunicação social têm sido uma plataforma de promoção dos direitos das vítimas de violência doméstica e é com muito desagrado que vemos uma situação destas, que pode não representar uma emissora de televisão, mas que para um programa para determinado *target* – sobretudo feminino – vai contra tudo aquilo que tem sido feito”, disse Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV, ao DN.

Durante a emissão, Carla Duarte pediu à espectadora para não discutir e não procurar conflitos. “Você escolheu este homem e independentemente de tudo, por enquanto é com ele que vai ficar”, disse a taró-

loga. “Quando damos amor, recebemos amor, mesmo que seja em menos quantidade. Quando damos violência, recebemos violência. Se recebe violência, corte este ciclo e não dê violência por muito difícil que isso seja. O problema dele é ele próprio”, acrescentou.

Quando telefonou para *A Vida nas Cartas – O Dilema*, Maria da Glória referiu que o marido lhe batia – “ele faz-me tudo” – e quis saber se este a traía. “O que interessa é o que nós podemos fazer dentro do nosso casamento, agora o que os outros podem fazer...”, respondeu-lhe Carla Duarte. “Ele não tem ninguém. Ele de si quer uma mãe, não quer uma mulher”, concluiu. A intervenção provocou uma onda de reações negativas de figuras públicas no Facebook.

Daniel Cotrim salienta que seria importante a taróloga lembrar-se de que “se estava a falar de um crime público [punível por lei] e que as pessoas têm na posse delas a capacidade de socorrer e de fazer uma queixa”. A APAV tomou conhecimento do caso através das redes sociais e, até ao momento, tem recebido contactos dos cidadãos. “Que-

rem saber o que é que nós podemos fazer. A APAV não conhece a situação e estamos a aconselhar os cidadãos que estão indignados a falarem com a SIC e até com a própria Entidade Reguladora para a Comunicação Social para apresentarem queixa.”

Cotrim frisa ainda o impacto negativo que o caso pode vir a ter em quem está a passar por situações semelhantes à da espectadora que entrou em contacto com a estação de Carnaxide. “Tenho medo de que as pessoas que estão a ver aquele programa acreditem que o que foi dito é tal e qual assim, ou seja, que têm de se resignar a essa vida e ir aguentando. O profissional que está à frente de um programa como estes têm de ter uma atitude profissional. Não vale tudo em nome do espetáculo.”

Recorde-se que, há quatro anos, a primeira apresentadora deste formato, a taróloga Maya, envolveu-se numa polémica com o bastonário da Ordem dos Médicos, José Manuel Silva, na sequência de conselhos de saúde que deu a uma espectadora doente.

ODN contactou ontem a estação de televisão, mas não foi possível obter comentários.



Carla Duarte "Cometi um erro", admitiu a taróloga da SIC

● Carla Duarte assumiu ontem à tarde ter cometido "um erro" ao dizer a uma espectadora de "A vida nas cartas - O dilema", da SIC, que assumiu ser "vítima de violência doméstica há mais de 40 anos", que podia evitá-la dando "mimo" e "amor" ao marido. "Estou aqui porque cometi um erro. Assumo que não fui suficientemente ágil na abordagem à questão", disse a taróloga.

Em direto no programa "Grande tarde", do mesmo canal, Carla Duarte frisou ser "contra todo e qualquer tipo de violência". "Sou mãe, sou mulher e sou uma cidadã com princípios. [...] Tenho agora a noção de que aquilo que referi no programa de ontem [quinta-feira] foi entendido como um discurso de culpabilização da alegada vítima. No entanto, quero dizer e frisar que nunca tive qualquer intenção de que essa fosse a mensagem a passar. Nunca e em circunstância alguma. Por isso, peço desculpa a todos quantos se sentiram indignados com as minhas palavras, palavras essas que são da minha inteira responsabilidade, no momento em que interpreto o 'tarot'", salientou.

A taróloga, que alterna a condução do espaço com Maria Helena Martins, recordou ainda que, como a violência doméstica é um crime público que não depende da queixa da vítima, tudo fará "para que, junto da produção do programa, a espectadora em causa seja encaminhada às autoridades e instituições competentes".

Ainda ontem, a SIC emitiu um comunicado a afirmar que "não se revê no comentário feito pela colaboradora do programa," e que já expressou "o desagrado perante tais afirmações".

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima também já condenou os conselhos dados pela taróloga. ANA FILIPE SILVEIRA



ID: 64739254

04-06-2016

POLÊMICA

Taróloga vai denunciar caso às autoridades

CARLA DUARTE ➤ Assumiu o erro e pediu desculpas pelos conselhos dados em programa da SIC a vítima de violência doméstica **APAV** ➤ Recomenda que a taróloga frequente um curso na associação

HUGO REAL

Carla Duarte, a taróloga de 'A Vida nas Cartas - O Dilema', assumiu ontem que errou e pediu desculpas públicas pelos comentários que fez quando Maria Glória, 64 anos, ligou para o programa da SIC confessando ser vítima de violência doméstica há 40 anos. Nessa altura, Carla Duarte (ler a conversa em baixo) aconselhou a mulher a responder com amor e mimo, e a continuar a viver com o agressor.

SIC NÃO SE REVÊ NAS AFIRMAÇÕES FEITAS PELA TARÓLOGA CARLA DUARTE

Depois da polémica nas redes sociais, a taróloga garante agora: "tudo farei junto da produção do programa para que a espectadora em causa seja encaminhada às autoridades". Já a SIC, em comunicado, "condena veementemente qualquer ato de violência", acrescentando



Carla Duarte voltou a apresentar ontem de manhã o programa 'A Vidas nas Cartas - O Dilema'. À tarde, pediu desculpa

que "não se revê no comentário feito pela colaboradora do programa". De resto, expressou mesmo a Carla Duarte "o desagrado perante tais afirmações".

Também a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima),

que desconhece a identidade da vítima, manifestou o seu "desagrado" com as declarações da taróloga, sublinhando que este tipo de atitudes "não pode ser tolerado". Ao CM, Daniel Co-

trim, psicólogo da associação, realça a importância de apresentadores e jornalistas terem formação nesta área. Daniel Cotrim "recomenda" que Carla Duarte frequente um dos cursos da APAV sobre violência doméstica. ●

OS CONSELHOS DA TARÓLOGA

MARIA DA GLÓRIA, 64 ANOS, SAGITÁRIO, LIGA PARA UMA CONSULTA E ACABA POR REVELAR:

"Ando muito nervosa, porque há 40 anos que sofro de violência doméstica. Ele bate-me, ele faz-me tudo..."

Carla Duarte Já percebi que você não está feliz em casa e quer saber se é a única pessoa do seu marido, não é?

Maria da Glória Sim, sim

Carla Será que não era mais interessante perguntar: será que há alguma coisa que eu possa fazer para melhorar a minha situação em vez de estar a pensar nos outros?

Maria Sim, sim. É melhor

Carla O que é que interessa se ele tem alguém ou não mediante o que você tem em casa? Não é?

Maria Sim, sim. Acho que a dona Carla está a ajudar e isso é melhor

Carla (...) [enquanto lança as cartas], Para já ele não tem ninguém, está aqui sozinho, inconsciente e, já estamos a responder a isso. O que é que você pode fazer? Ele quer uma mãe, não uma mulher de si (...) Não discuta, não procure conflitos, eu sei que você não o faz, mas é preciso ainda mais. Não está aqui nenhuma separação. Por isso, você escolheu este homem

e independentemente de tudo, por enquanto, é com ele que vai ficar. Quando damos amor, recebemos amor, mesmo que seja em menos quantidade, quando damos violência, recebemos violência. Se você recebe violência, corte este ciclo e não dê violência, nem que seja por palavras. Por muito difícil que isso seja, por muito difícil que isso seja

Maria Sim, sim, eu é que tenho que andar sempre à frente a fazer as pazes

Carla Pois tem. Como se fosse a mãe, e continue. Que é para isto não chorar, e assim não plora. Está bem? Você conhece-o bem e sabe como é que lhe pode dar a volta

Maria Conheço, conheço, há 40 anos

Carla O problema dele não são outras mulheres, é ele próprio, você ajude-o...

Maria É a bebida, ele bebe

Carla Pois, exatamente

Maria Também viu aí a bebida, não foi?

Carla Sim, mas você pode atenuar isso. Está bem?

Maria Está bem, obrigado

Carla Você escolheu-o e continua em casa

Maria Obrigado, dona Carla



POLÉMICA

Taróloga da SIC alvo de 200 reclamações

CONSULTA Conselho de Carla Duarte a vítima de violência doméstica gerou uma onda de protestos
ERRO Apresentadora pediu desculpa pelas palavras escolhidas e prometeu denunciar o caso

SÓNIA DIAS

A Entidade Reguladora para a Comunicação Social já recebeu 200 queixas contra o programa 'A Vida nas Cartas - O Dilema', da SIC, no qual a taróloga Carla Duarte aconselhou uma alegada vítima de violência doméstica a tolerar as agressões de que alegadamente é alvo por parte do marido e a tratá-lo "com amor".

Na sexta-feira, Carla Duarte pediu desculpa pela forma como as suas "palavras foram entendidas" e assumiu o erro na escolha das mesmas, garantindo que iria denunciar o caso às

CARLA DUARTE AFIRMOU SER CONTRA QUALQUER TIPO DE VIOLÊNCIA

autoridades. Já a SIC condenou "veemente" qualquer ato de violência e disse não se rever no comentário da taróloga.

"Cometi um erro" e "assumo que não fui o suficientemente ágil na abordagem" da questão, afirmou Carla Duarte, salientando ser "totalmente contra qualquer tipo de violência".

Durante o programa 'A Vida



Conselhos de Carla Duarte motivaram a entrada de quase 200 queixas no regulador dos media

nas Cartas - O Dilema', a taróloga atendeu o telefonema de Maria Glória, 64 anos, que confessou ser vítima de violência doméstica há 40. Depois de consultar as cartas, o conselho de Carla Duarte foi: "Não discu-

ta, não procure conflitos. Não está aqui nenhuma separação. Por isso, você escolheu este homem e independentemente de tudo, por enquanto, é com ele que vai ficar. Quando damos amor recebemos amor, quando

damos violência recebemos violência."

A polémica não tardou a chegar às redes sociais e até à APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que condenou a atitude da taróloga. ●



Actual

Polémica

SIC mantém programa

A atitude de Carla Duarte somou, em três dias, 200 queixas na Entidade Reguladora da Comunicação Social (ERC). A APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) foi a primeira entidade a exigir à SIC a "reparação pública". O programa mantém-se no ar.

Até ao momento, Carla Duarte continua na SIC.



A cantora Romana foi uma das convidadas de Carla Duarte.

CARLA DUARTE VIVE DIAS DE INFERNO

Tarot incendiário

Uma consulta nas manhãs da SIC acabou em vergonha para o canal. Uma das tarólogas aconselhou uma vítima de violência doméstica, há 40 anos, a "mimar" o marido agressor com... "carinho"

TEXTO JOÃO BÉNARD GARCIA | FOTOS FILIPA COUTO E FACEBOOK

Mais cedo ou mais tarde, a bronca haveria de estalar. Em directo, na SIC, na quinta-feira, dia 2, Carla Duarte entabulou uma conversa com uma telespectadora que acabou em despiste total. À medida que a taróloga tirava cartas do seu baralho, ia dizendo a Maria da Glória, de 64 anos, uma senhora que garantia ser reiteradamente vítima de violência doméstica, há quatro décadas, que deveria "mimar o marido" agressor, dando-lhe "carinho". Entre a emissão do programa e sexta-feira, dia 3, um rastilho de comentários nas redes sociais esteve a um passo de incendiar a imagem da estação de Carnaxide, que rapidamente se demarcou da taróloga que divide o programa das manhãs *A Vida nas Cartas - O Dilema* com a conhecida Maria Helena,

uma veterana do tarot. "A SIC não se revê no comentário feito pela colaboradora Carla Duarte, do programa *A Vida nas Cartas - O Dilema*, pelo que esta situação já foi discutida entre a estação e a taróloga em causa e onde foi expresso o desgosto perante tais afirmações", afirmou o canal em comunicado. "A SIC condena veementemente qualquer acto de violência e sempre contribuiu para a discussão e esclarecimento sobre este problema social nos seus espaços informativos e na sua ficção", sublinhou, destacando o programa *E Se Fosse Consigo?*, que emite actualmente e onde aborda essas temáticas problemáticas. A taróloga acabou forçada, no dia 3, a retractor-se no programa *Grande Tarde*, onde, em vez da prometida entrevista aos apresentadores João Baião e Andreia Ro-

drigues, se limitou a ler um comunicado. "Lamento profundamente os acontecimentos e estou desejava de pedir desculpa pela forma como as minhas palavras foram entendidas. Errei na escolha das palavras ao interpretar a mensagem na consulta em questão", assumiu Carla Duarte, que acrescentou: "Cometi um erro. Assumo que não fui suficientemente ágil na abordagem à questão colocada por uma espectadora que se dizia vítima de um flagelo social que anualmente mata tantas mulheres e que parece não ter fim, a violência doméstica. Sou totalmente contra todo e qualquer tipo de violência, sou mãe, sou mulher e sou uma cidadã com princípios." A TV Guia tentou contactar Carla Duarte e as Produções Clandestinas, mas foi impossível até ao fecho desta edição. ●



Em Foco CARLA DUARTE, a taróloga da SIC, foi impedida de contar

Insultos, ameaças

CARLA Duarte, a taróloga que no dia 2 de junho, no programa *A Vida nas Cartas – O Dilema*, da SIC, aconselhou uma espectadora, vítima de violência doméstica, a dar amor e mimo ao marido – acrescentando que “quando damos amor, recebemos amor, mesmo que seja em menos quantidade. Quando damos violência, recebemos violência”, foi impedida de contar “toda a verdade”, afastada do programa e tem sido ameaçada e insultada nas redes sociais. A situação alastrou-se à filha de oito anos, que agora é alvo de *bullying* na escola, sendo gozada porque, na boca dos colegas, a mãe é conivente com a violência.

Um dia depois de se ter instalado a polémica, Carla era para ter sido entrevistada por João Baião e Andreia Rodrigues no *Grande Tarde*. Porém, à última hora, foi-lhe entregue um comunicado para ler, perdendo assim a oportunidade de se explicar usando as suas próprias palavras. Por isto, e principalmente pelo que tem acontecido à filha, a taróloga aceitou falar com a *TV 7 Dias*. “A minha filha já está com problemas de *bullying* na escola. É uma das razões por que eu decidi avançar. É importante as pessoas per-

Era suposto ter sido entrevistada no Grande Tarde, mas À ÚLTIMA HORA FOI “OBRIGADA” A LER UM COMUNICADO QUE NÃO FOI ESCRITO POR ELA. Carla Duarte, que foi afastada do programa, não se conseguiu explicar e tem sofrido represálias.

ceberem a minha parte; agora, o que fazem com isso, já não está nas minhas mãos”, confidencia. Deixando claro que o que disse naquela consulta não é o que defende, Carla Duarte explica: “A verdade deve vir ao de cima. O programa chama-se *A Vida nas Cartas*, isso é logo a primeira coisa que as pessoas têm de ver, não se chama *A Opinião da Carla*. Aquilo não é a minha opinião.” E admite: “Eu cometi um erro! Estou num canal de grande audiência, há um caso de violência doméstica e eu devia ter pensado rapidamente que está muita gente a ver-me com esse problema e devia ter dito antes da consulta, como disse tantas outras vezes no programa, que um caso destes é um crime público, que eu pessoalmente abomino, e que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) deve ser sempre contac-

tada. Mas, neste caso, já tinha sido... A senhora já foi à APAV. Não adiantava absolutamente nada dizer isso àquela senhora; adiantava, se calhar, a todas as outras pessoas que me estavam a ver.” Questionada sobre se já sabia desse facto na altura da consulta, a taróloga, confirmando que o viu nas cartas, dispara: “Sei que vão gozar comigo, mas eu respeito o meu trabalho, e o meu compromisso, quando estou a trabalhar com o universo, é para com quem me consulta, e eu tenho de lhe dar a mensagem que está ali. Mas se fosse agora, teria mencionado a APAV antes, e quero pedir desculpa por não o ter feito.” E acrescenta: “Não me quero desculpar com o que vou dizer agora, mas a pergunta não era sobre violência doméstica, a senhora perguntou se o marido tinha uma amante e a minha preocupação foi



Atrasada mental Este tipo de pseudo “profissão” baseada na aldrabice e na manipulação psicológica deveria ser punida por lei e abolida. Mais grave ainda é chegar até casa das pessoas através dos meios de comunicação social. Tudo vale em nome do dinheiro. Até contribuir para um atraso ainda maior do povo português com programas como este e outros do género. Enfim! É a (merda) da tv e do País que temos. Gosto Responder 3/6 às 2:05

É com imenso desgosto que vejo pseudo humanos com a mania que são estrelas, que ganham a vida a aldrabar os outros. Nunca vejo o seu programinha porque considero esse tipo de programas DEPRIMENTE, mais ainda, gostas tanto de te ouvir que nem deixas as pessoas falar, há um distanciamento tão grande. Não percebes que te estás a aproveitar da vida desgraçada de pessoas simples, letradas e com problemas (porque são só essas que vêm esses programazinhos de *****), não percebes a indiferença com que tratas as pessoas! COMO É QUE UM CANAL DE TELEVISÃO CONTRATA ALGUÉM ASSIM????? Vi o vídeo e até me deu vômitos ver a forma como estavas a tratar a pobre senhora! Gostas tanto de ti que nem percebeste que era um pedido de ajuda de alguém que ajuda a que te mantinhas nesse poleiro. É com repúdio que vejo gente a aproveitar-se dos outros. É a falar sobre saúde!!! Mas és médica???? Tens noção da responsabilidade dos teus actos????? Tanta gente que estuda e faz tanto bem pela sociedade mas neste país dá-se crédito a estas bruxas. Sabes o que é viver 40 ANOS COM UMA BESTA QUE TE TRATA MAL, QUE TE TRATA ABAIXO DE ***** @ABES??? E sabes o que é estar tão desesperado e precisar de ajuda e vem uma badamezaca (pessoa que se acha uma super estrela mas que não vale a **** que o meu cão faz) dizer-lhe que tem que aturar o MONSTRO que tem em casa!! Pensas que esta senhora QUE VALE MAIS NUM DEDO QUE TU NO CORPO TODO, não merece atenção e ajuda. Ahhh agora que chovem críticas, vais pedir desculpa!! Então não sabes o que estavas a dizer! Pedes desculpa porque queres manter o teu lugarzinho nesse programinha deprimente. SÉ HUMANA, desca à terra e aprende com essas senhoras que desprezaste, pois elas é MUITOOOOOO melhor que tu. Gosto Responder 2/6 às 23:25 Editado

Devias era levar na tromba todos os dias para ver se ainda davas mimos atrasada mental do cri e andam estas merdas em programas de televisão, enfim...

toda a verdade no programa de João Baião

e DESPEDIMENTO

conseguir virar a pergunta para o mais importante, que é a violência doméstica. A partir do momento em que lanço as cartas, eu vejo que ela já pediu ajuda e não quer sair de casa, e ninguém a pode julgar. E eu tenho muito pouco tempo, tenho auricular, câmaras e as cartas, e tenho de estar muito concentrada, e o mais importante era dar-lhe a mensagem que estava nas cartas, mas falhei ao não conseguir ser ágil o suficiente.”

Alvo de injúrias

Apesar da tristeza que sente quando lê as ofensas e ameaças que lhe são dirigidas no Facebook, Carla garante: “Sinto tristeza, mas entendo a indignação das pessoas. Se eu não acreditasse em cartas – como há 20 e tal anos não acreditava – e tivesse visto só aquele bocadinho de vídeo, que foi cortado [n.r.: vídeo difundido pela jornalista Rita Marrafa de Carvalho no Facebook], teria acusado aquela pessoa de ser completamente atrasada mental.” Porém, ressalva: “Mas há uma coisa... que as pessoas gozem comigo ou que me ataquem porque eu acredito no universo e acredito em cartas e acredito no programa, eu não me importo.

(Continua na página seguinte)



Ganha vergonha na cara sua besta! Havia de levar uma porrada que nem pudesses sair de casa sua porca.

Gosto Responder 4 3/6 às 14:23

“A minha filha já está com problemas de bullying na escola”

cabra.

Mais uma “bruxa” paga pelos pobres de espírito: tenha vergonha, arranje um trabalho honesto (a organizar festas e tal...) faça uma operação às maminhas e deixe de enganar as pessoas...

Gosto Responder 2 3/6 às 20:19 Editado

Gosto Responder 1 3/6 às 18:27

cabra.
Gosto Responder 2 3/6 às 16:48

O que é esta merda, car... ???Devia levar nas bentas todos os dias!!!

Gosto Responder 3 3/6 às 14:56

As palavras de CARLA DUARTE no programa originaram uma onda de indignação no Facebook

EXCLUSIVO
TV 7 DIAS



Em Foco Já esperava ser DESPEDIDA DA SIC

EXCLUSIVO
TV 7 DIAS



CARLA DUARTE FAZ DECLARAÇÃO SOBRE POLÊMICA EM QUE ESTÁ ENVOLVIDA

A taróloga esperava ser entrevistada no Grande Tarde, mas acabou a ler um comunicado



(Continuação das páginas anteriores)

Agora, que as pessoas me acusem e me ataquem por uma coisa que eu não defendo – porque eu já ajudei muitas pessoas vítimas de violência doméstica –, isso não posso admitir. Eu não sou a favor da violência doméstica.”

Fora da SIC

Com toda esta polémica, a taróloga acabou por ser despedida e não voltará a fazer o programa. Porém, antes de lhe comunicar essa decisão, o canal de Carnaxide emitiu um comunicado à Imprensa, onde sublinhou: “A SIC não se revê no comentário feito pela colaboradora do programa *A Vida nas Cartas – O Dilema*, Carla Duarte, pelo que esta situação já foi discutida entre a estação e a taróloga em causa e onde foi expresso o desagrado perante tais afirmações.” Perante estas palavras, Carla, mostrando desagrado, afiança: “Eu também não me revejo.” Nesse mesmo documento podia ler-se: “Hoje, no programa *Grande Tarde*, Carla Duarte será entrevistada por João Baião e Andreia Rodrigues, tendo aí oportunidade de explicar os factos ocorridos.” No entanto, a entrevista nunca aconteceu, impedindo a astróloga de se explicar convenientemente, tendo sido “obrigada” a ler um comunicado que não era da sua autoria. “O que eu disse era o que estava escrito no papel, foi o que foi possível dizer. Se eu o tivesse escrito, teria talvez escolhido outras palavras e teria escolhido dizer a verdade toda... Mencionava o que a senhora disse, que

PREOCUPADA com a espectadora

Depois de toda a polémica estalar, **CARLA DUARTE** assegura que tanto a sua, como a preocupação da produção do programa, foi com a espectadora: “O primeiro pensamento que tivemos, depois disto, foi: ‘E a senhora? Oh meu Deus, se o marido sabe!’ É um risco, porque uma coisa é um programa com a audiência que tem, outra é uma jornalista megaconhecida [n.r.: Rita Marrafa de Carvalho] espalhar toda esta polémica, que eu entendo, porque ela não sabe.” Para tentarem perceber se estava tudo bem, as Produções Clandestinas entraram em contacto com a espectadora. “A produção ligou, comigo ao pé, e a senhora disse que já tinha ido à APAV e que está em tribunal com o marido – o que não tenho meios para confirmar – e que não quer sair de casa, mas até ao momento em que falámos com ela, estava bem.” Posteriormente, a taróloga já tentou contactar a espectadora, mas sem sucesso. “Gostava de poder ajudá-la, se ela quisesse”, diz-nos.

foi à APAV – o que se podia ter averiguado se realmente é verdade – e que a senhora não quer sair de casa [n.r.: informação obtida num telefonema feito pela produção, com Carla do lado, para a espectadora, já depois da polémica]. E bastava dizer que o programa chama-se *A Vida nas Cartas* e que acredito nas cartas, no universo e no meu trabalho, e que aquilo não pode ser a minha opinião, que eu estava a ser paga para dizer o que via nas cartas. Mas quando eu disse que era importante dizer isso à opinião pública, respondem-me: ‘Ninguém acredita nas cartas’... Isso, para mim, é um contrassenso! Eu fui convidada para fazer um programa que se chama *A Vida nas Cartas*! Preferia ter sido entrevistada. Se calhar, são as regras que estão acima de toda a gente!”, diz a astróloga, que, dias depois, recebeu

um telefonema em que foi informada de que tinha sido afastada do programa. “Já estava à espera, e apesar de não ficar surpreendida, porque já tinha lido as declarações e já sabia que isso estava em cima da mesa, fiquei triste. Mas entendendo. Há uma pressão que se chama opinião pública e é muito forte”, garante Carla, rematando: “O meu sentimento para com a SIC, para já, é de gratidão pelo tempo que estive lá. Ajudei muitas pessoas, que era impossível ajudar se não estivesse naquele programa, e a SIC foi quem me deu essa oportunidade. Depois, penso que as ações ficam para quem as pratica. Lamento, mas não é com raiva nem com nada. E sei que a minha produção não deixou de acreditar em mim, as Produções Clandestinas sempre me apoiaram e continuam a acreditar em mim.”



Taróloga Carla Duarte dispensada do programa "A vida nas cartas"

● A taróloga que, há duas semanas, recomendou a uma vítima de violência doméstica que desse "amor" ao marido, não voltará a conduzir o programa da SIC "A vida nas cartas - O dilema". "A SIC cessou a colaboração com a taróloga Carla Duarte", disse ao JN fonte oficial da estação de Carnaxide. A declaração reitera as afirmações feitas pela taróloga à revista "TV7dias" desta semana. Na publicação, Carla Duarte afirma também que foi "obrigada" a ler um comunicado no programa "Grande tarde" de 4 de junho, quando o que tinha sido previamente anunciado pela estação de Carnaxide era que seria entrevistada por João Baião e Andreia Rodrigues.

O JN tentou obter uma explicação da taróloga o que, até ao momento, não foi possível. À "TV7 Dias", Carla Duarte disse ainda estar a ser alvo de ameaças e que a filha está a sofrer "bullying" na escola. A saída de Carla Duarte, que apresentava o programa em alternância com Maria Helena Martins, aconteceu na sequência de declarações feitas na emissão de 2 de junho do formato "A vida nas cartas - o dilema". Questionada por uma telespectadora, alegadamente vítima de violência doméstica, sobre o que fazer para lidar com o marido, a taróloga disse: "Quando damos amor, recebemos amor, mesmo que seja em menos quantidade. Quando damos violência, recebemos violência". As afirmações, posteriormente geraram uma onda de indignação nas redes sociais e foram condenadas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). A Entidade Reguladora para a Comunicação Social recebeu 200 participações referentes à transmissão do programa. RAQUEL COSTA

TV demite taróloga que sugeriu 'mimar' marido violento



Carla Duarte perdeu o emprego após conselho indevido (Foto: Divulgação/SIC)

Mulher apanha do marido há 40 anos. Exausta de sofrer, liga para a taróloga que está ao vivo lendo cartas do baralho na TV.

O conselho que a telespectadora angustiada recebe é: "Quando damos amor, recebemos amor. Quando damos violência, recebemos violência. Mime seu marido".

A esposa, resignada, responde: "Sim, sim. Eu que tenho que fazer as pazes".

A cena surreal aconteceu no início de junho numa transmissão da emissora SIC, parceira da Globo em Portugal. A reação virulenta do público obrigou o canal a demitir a esotérica Carla Duarte e emitir comunicado condenando a declaração infeliz.

Acusada de relativizar a gravidade da violência doméstica, a apresentadora foi duramente criticada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que acolhe pessoas em situação de risco. A entidade realizou 34.327 atendimentos em 2015.

A taróloga denunciou ter recebido ameaças anônimas depois da repercussão de seu equivocado conselho. Disse ainda que a filha passou a sofrer bullying no colégio.

Moral da história: as cartas podem não mentir jamais; porém, de vez em quando, o feitiço se volta contra o feiteiro.

APAV exige que SIC peça desculpas à vítima de violência doméstica

Associação de Apoio à Vítima (APAV) considera que as afirmações da apresentadora foram feitas com "ligeireza".



A Associação de Apoio à Vítima (APAV) já reagiu à polémica do programa de tarot emitido ontem na SIC, lamentando o sucedido e exigindo à estação "que promova a sua reparação pública, tanto quanto possível", através de um pedido de desculpas da parte da apresentadora na próxima emissão, frisou José Duque, do gabinete de comunicação da APAV, em declarações ao **Notícias ao Minuto**.

Num email enviado esta manhã à SIC, a associação diz ter sugerido ainda que a estação de Carnaxide volte a contactar a senhora, vítima de violência doméstica, no sentido de a aconselhar a recorrer aos serviços da APAV, disponibilizando-lhe os contactos, caso a vítima entenda fazê-lo.

Na origem da celeuma está o programa 'A Vida nas Cartas – o Dilema', emitido na passada quinta-feira, onde a apresentadora Carla Duarte respondeu a uma telespectadora que contava, em direto, ser vítima de violência doméstica há 40 anos. "Tenha paciência" e "mime-o, por muito difícil que isso seja" foram os 'conselhos' dados à vítima.



-
- 18/05** NOS e Vodafone acertam agulhas sobre distribuição de conteúdos desportivos
-
- 18/05** Time Out estreia-se nos Açores com primeira edição de um guia dedicado à região
-
- 19/05** Sport TV entra na luta de audiências em sinal aberto com canal de informação desportiva
-
- 19/05** Vasco Pulido Valente e Helena Garrido reforçam opinião do Observador
-
- 19/05** Pingo Doce abre concurso de publicidade
-
- 20/05** Luciana Cani muda-se para Chicago para reposicionar a Leo Burnett Lapiz
-
- 20/05** Nuno Vasconcellos em negociações com dono do Diário de São Paulo para vender títulos no Brasil
-
- 20/05** Catálogo da violência doméstica da FCB para a APAV ganha prata no FIAP
-
- 23/05** Cofina lança site de automobilismo a partir do magazine da CMTV Aquela Máquina
-
- 23/05** Grupo Multipublicações lança nova revista no segmento económico
-
- 27/05** Nuno Santos deixa direcção de conteúdos da Multichoice e prepara regresso a Portugal
-
- 27/05** Único projecto da secção Ibéria implementado em Portugal vence ouro nos Sabre Awards
-
- 30/05** BTV segura jogos do Benfica em casa e mantém-se como canal pago
-
- 30/05** ComOn assegura marcas da L'Oréal
-
- 31/05** Conta de meios das marcas Coca-Cola muda-se da Medicom para a Carat
-
- 31/05** Novo grupo de comunicação ibérico inclui Guess What
-
- 31/05** Nuno Saraiva vai para a comunicação do Sporting
-
- 01/06** Bárbara Reis cessa funções como directora do Público em Novembro
-
- 01/06** Novo grupo de comunicação WAT agrega sete agências
-
- 01/06** Rita Machado deixa direcção da LuxWoman



A violência sexual implica crimes como violação, abuso de menores, assédio, importunação sexual ou coação sexual

Mais crimes de violência sexual nos Açores

De 2014 para 2015, o Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada registou um aumento de denúncias de crimes de violência sexual

JOANA MEDEIROS
acorianooriental@acorianooriental.pt

No que à violência sexual diz respeito, o Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada registou um aumento dos crimes de violação e importunação sexual entre 2014 e 2015.

Contudo, por nem sempre ocorrerem de forma isolada, os crimes de natureza sexual poderão estar presentes em diversos contextos da vida da vítima, podendo acontecer em cenários de violência doméstica ou de violência no namoro, por exemplo, sendo também caracterizada pelos crimes de assédio ou coação sexual.

Segundo Silvia Branco, gestora do gabinete da Associação de Apoio à Vítima (APAV) em Ponta Delgada, "muitas das vezes as pessoas têm a tendência a pensar que a violência sexual implica apenas o ato da violação, mas não, nós

quando falamos em violência sexual também falamos de outros tipos de contactos de natureza sexual, nomeadamente toques e beijos indesejados na vítima ou atos exibicionistas por parte do agressor", explicando ainda que "a violência sexual, normalmente, implica o não consentimento da vítima".

Neste sentido, de acordo com Silvia Branco, a tendência aparente é a de que os crimes de natureza sexual sejam menos denunciados por se relacionarem com a intimidade da vítima, gerando um certo receio da exposição quando esta é maior de idade: "a nível sexual nem sempre as vítimas estão dispostas a apresentar queixa e a exporem-se", revelando que "por vezes [as vítimas] preferem falar com pessoas do seu círculo de amigos".

Apesar desta opção das vítimas de crimes de violência sexual, poderá haver uma certa incompreensão das pessoas mais próximas da vítima que faça com que esta se sinta culpada das circunstâncias do crime, conforme explicou a assistente social. Este facto deve-se não só à autculpabilização como também à heteroculpabilização da vítima,

ocorrendo sempre que "a culpa é colocada na vítima por parte de terceiros quando têm conhecimento da situação" de violência sexual.

Neste contexto há também situações em que a vítima tem, de facto, apoio por parte dos familiares que "reforçam a necessidade de a mesma apresentar queixa e reforçam a ideia de que ela não tem culpa, independentemente de ter optado ir por um trajeto ou por outro, ter-se vestido de uma forma ou de outra, pois não há nada que justifique este tipo de comportamento", salienta Silvia Branco, referindo-se à violência sexual. Assim sendo, aquando da receção de denúncias, a gestora do gabinete da APAV em Ponta Delgada clarifica: "se a vítima tem menos de 14 anos, nós automaticamente denunciamos a situação à Polícia Judiciária e ao Ministério Público. Quando a vítima tem mais de 14 anos, aí temos que sensibilizá-la para a apresentação de uma queixa".

A APAV tem vindo a desenvolver ações de sensibilização neste sentido, de forma a que se perceba que "ninguém é obrigado a ter ou a assumir uma conduta de carácter sexual que não permita".



APAV tem novo gabinete

O gabinete de Setúbal da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, um dos mais antigos daquela instituição particular de solidariedade social, passou a funcionar em instalações cedidas pela Câmara Municipal.

“Este é um ato simples mas, como sempre, são estes atos que têm maior significado pelo que permitem fazer e acontecer”, sublinhou a presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Maria das Dores Meira, esta manhã, na assinatura do protocolo que formalizou a cedência das instalações, por um período de três anos, renovável automaticamente.

O gabinete de Setúbal da APAV funciona em instalações camarárias localizadas na Praça do Brasil, num espaço no piso térreo, renovado e adaptado às necessidades daquela entidade, com duas salas, uma destinada ao atendimento, outra para as equipas de voluntariado e reservada a ações de trabalho.



O presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, João Lázaro, afirmou que, com o protocolo de colaboração firmado com a autarquia sadina, foi possível assegurar *“a manutenção do gabinete, um dos mais antigos da instituição, em Setúbal”*, agora *“com condignas condições de trabalho”*.

A promoção da proteção e do apoio a vítimas de infrações penais, em particular às mais carenciadas, designadamente através da informação, do atendimento personalizado e encaminhamento, do apoio moral, social, jurídico, psicológico e económico, é uma das principais missões da associação.

O incentivo à solidariedade social, designadamente através da formação e gestão de redes de cooperadores voluntários e do mecenato social, e a mediação vítima-infrator e outras práticas de justiça restaurativa são igualmente esferas de intervenção da APAV, que trabalha em colaboração com várias entidades.



OLHO CLÍNICO

Linhas de atendimento gerais da Saúde



Linha SOS Grávida – 808 201 139

A Linha SOS Grávida permite:

- Proceder ao levantamento das necessidades imediatas de cada mãe;
- Fazer o adequado acompanhamento técnico - durante e/ou após a gravidez;
- Promover a educação para a saúde e formação para a maternidade.

Se necessário, será efetuado posteriormente o encaminhamento social da utente, permitindo-lhe a reintegração social e laboral. Horário: Dias úteis das 10h às 18h.

Linha Verde de Medicamentos e Gravidez – 800 202 844

A Linha Verde de Medicamentos e Gravidez tem como objetivo a disponibilização e divulgação de informação fidedigna quanto às questões específicas da utilização de medicamentos e meios de diagnóstico, em função da gravidez e aleitamento. Horário: Todos os dias, das 9h às 13:30h e das 14:30h às 17h.

Linha de Apoio à Vítima – 707 200 077

A APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – tem como missão o apoio à vítima prestando-lhe serviços de qualidade e rege-se, en-

tre outros, pelo princípio da NÃO DISCRIMINAÇÃO em função do género, raça ou etnia, religião, orientação sexual, idade, condição sócio económica, nível de escolaridade, ideologia ou outros. Os serviços prestados são gratuitos e confidenciais. Horário: Todos os dias, das 9h às 19h e Sábados das 10h às 13h.

Linha SOS SIDA – 800 201 040

A Linha SOS SIDA é um serviço de aconselhamento telefónico gratuito que funciona a nível nacional. O atendimento é realizado por técnicos com formação específica na área do VIH/Sida e do aconselhamento telefónico. Horário: Todos os dias, das 17:30h às 21:30h.



Sexualidade em Linha – 808 222 003

A Sexualidade em Linha é um serviço técnico, anónimo e confidencial, para o qual poderá ligar sempre que sentir necessidade de tirar uma dúvida e/ou de esclarecer alguma informação na área da



Saúde Sexual e Reprodutiva. Horário: Dias úteis das 10 às 19 horas e Sábados das 10 às 17 horas.

Linha SOS Droga – 1414

A Linha Vida – SOS Droga foi fundada com o objetivo de criar um acesso rápido à informação e de proporcionar aconselhamento e encaminhamentos na área da toxicod dependência. É um serviço anónimo, confidencial e gratuito. Horário: Dias úteis das 10h às 20h.

Linha Rara – 300 505 700

A Linha Rara é uma plataforma de apoio e informação que se propõe a escutar, informar e aconselhar os portadores de doenças raras e seus familiares, profissionais de saúde/ação social, estudantes, professores e o público em geral, no que respeita às doenças raras e aos direitos dos seus portadores. Horário: Dias úteis das 9h às 19h.

Linha do medicamento – 800 22 24 44

Linha de informação aos profissionais de saúde, público em geral e agentes do setor sobre medicamentos, produtos de saúde e atividades conexas. Horário: das 09:00h às 18:00h.

Linha SOS – Deixar de fumar – 808 208 888

A Linha SOS – Deixar de Fumar procura informar o público em geral sobre o tabagismo e os seus malefícios e aconselhar e apoiar os fumadores que querem deixar de fumar. É composta por uma equipa de técnicos de saúde devidamente formados. Horário: Dias úteis das 13h às 21h.

Fonte: Portal do SNS
www.sns.gov.pt

Saúde 24 – 808 24 24 24

A Linha Saúde 24 disponibiliza:

- Triagem, aconselhamento e encaminhamento em situação de doença;
- Aconselhamento terapêutico para esclarecimento de questões e apoio em matérias relacionadas com medicação;
- Assistência em saúde pública, nomeadamente temas relacionados com a gripe, verão/calor e emergências/intoxicações.

Número Europeu de Emergência – 112

Em caso de emergência em situações de saúde, incêndios, assaltos, ligue 112. A chamada é gratuita e está acessível de qualquer ponto do país a qualquer hora do dia.

Intoxicações – 808 250 143

O Centro de Informação Antivenenos (CIAV) é um centro médico de consulta telefónica na área da toxicologia, responsável pela prestação, em tempo útil, das informações necessárias e adequadas a profissionais de saúde ou ao público em geral, visando uma abordagem correta e eficaz a vítimas de intoxicação. Funciona ao longo das 24 horas do dia, 7 dias por semana, sendo o serviço assegurado por pessoal médico especializado.

Linha Cancro – 808 255 255

A Linha Cancro é uma linha de apoio à pessoa com cancro da Liga Portuguesa Contra o Cancro, que visa informar e apoiar a pessoa com cancro e a sua família ou amigos, em aspectos que digam respeito à doença, associações de doentes, direitos dos doentes e instituições ou centros de tratamento. Horário: Dias úteis das 9h às 18h.

Linha Contra o Cancro – 213 619 542

A Linha Conta o Cancro é uma linha de apoio psicológico, aconselhamento e informação a doentes com cancro e seus familiares. Horário: Dias úteis das 9h às 18h.





Uma reflexão sobre a violência doméstica

Ao sermos confrontados diariamente ou prestes, com notícias sobre situações de violência doméstica, que têm lugar no seio da Família, decidimos apresentar uma reflexão simples e destituída de juízos de valor sobre este problema.

Numa sociedade como a portuguesa em que a igualdade perante a lei está expressa na Constituição da República Portuguesa no seu artº 13º, surge algo de inexplicável à luz dos direitos humanos, episódios e crises de violência gratuita sobre a mulher, a criança e o idoso. Não nos prende qualquer argumento feminista, pois é do senso comum que por vezes há homens vítimas de violência. Todos isto nos leva à seguinte questão: que sintomas de patologia existem na Sociedade? O que está por detrás destas graves crises na Família?

Os números sobre a violência em Portugal são indicadores desta problemática, podemos até pensar que agora a divulgação das notícias é mais rápida e abrangente, sempre houve problemas... Em nossa opinião, nenhum cidadão e sobretudo nenhum cristão deve ter uma atitude de indiferença sobre esta problemática.

Mas o que é a violência doméstica, pesquisámos no 'site' da APAV e encontramos a seguinte definição:



Direitos Reservados

"O Crime de Violência Doméstica deve abranger todos os actos que sejam crime e que sejam praticados neste âmbito. Qualquer acção ou omissão de natureza criminal, entre pessoas que residam no mesmo espaço doméstico ou, não residindo, sejam ex-cônjuges, ex-companheiro/a, ex-namorado/a, progenitor de descendente comum, ascendente ou descendente, e que inflija sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos e económicos". Pode assumir contornos emocionais, físicos, sociais, de cariz sexual, financeiro ou até perseguição, todos eles deixam profundas marcas na vítima.

Os dados, a nível nacional, são assustadores e inquietantes, senão vejamos:

- Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna, divulgado no Jornal Público a 1 de abril de 2016, as autoridades registaram 26595 queixas, havendo uma redução de 2,6% ou seja menos 498 do que no ano de 2014. O distrito de Lisboa apresenta quase seis mil casos, mas as taxas de incidência mais elevadas foram nas Regiões Autónomas, registando-se globalmente 86,9% de queixas provenientes de mulheres.

No entanto, podemos registar a existência de organismos oficiais que podem ajudar a vítima, nomeadamente a APAV, a GNR dispõe de elementos especializados para este apoio, abrigos para a saída obrigatória e inesperada do lar e não podemos deixar de destacar que dispomos duma Secretaria de Estado da Igualdade e da Cidadania, como obriga um Estado de Direito.

A violência doméstica só se pode combater com: diálogo, amor e comunicação e apoio à vítima, o processo de recuperação é lento e complicado, as memórias permanecem na vítima que terá de ser apoiada no círculo de família e amigos. No entanto, pensamos que o agressor também carece de apoio e tratamento, pois não-de permanecer 'cicatrizado' do mal que causou em alguém próximo.

Todos seremos mais felizes quando nos respeitarmos mutuamente, o sofrimento ultrapassa-se com alegria, respeito e amor.

MUITO OBRIGADA!... ■



ID: 64831448

11-06-2016

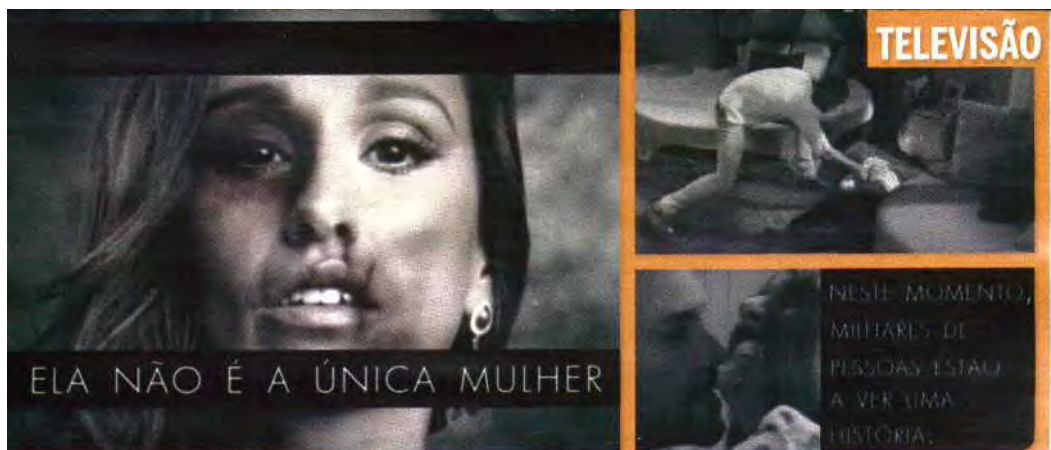
CAMPANHA



Rita é imagem da APAV

RITA PEREIRA CONTRA A VIOLÊNCIA

■ Rita Pereira é protagonista da nova campanha da APAV contra a violência doméstica. Com base na história de ficção vivida pela atriz na telenovela 'A Única Mulher', em que é agredida pela personagem interpretada por Pedro Barroso, Rita usa, assim, a sua imagem para alertar para este problema. ●



PEDRO BARROSO elogia campanha sobre violência doméstica



Novela serve de EXEMPLO

A TVI associou-se à APAV e lançou uma iniciativa que foi "roubar" as personagens Luena e Rodrigo a **A Única Mulher**. "O nosso trabalho também é passar uma mensagem", afirmou o ator.

Texto: **Patrícia Correia Branco**; Fotos: **Cristina Nogueira**

Pedro Barroso já deixou para trás o "seu" malvado Rodrigo, em **A Única Mulher**, mas a sua personagem regressou ao pequeno ecrã numa campanha sobre violência doméstica, levada a cabo numa parceria entre a TVI e a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). O anúncio tem passado diariamente na televisão e o ator está muito satisfeito por fazer parte desta iniciativa. "A TVI tem a capacidade de agarrar em nós e de nos potenciar para outras

coisas, como aconteceu agora. O nosso trabalho não é só fazer cenas de violência doméstica, é também passar uma mensagem e isso foi muito bem conseguido ao retirar as personagens da novela para esta campanha", disse o ator, à margem do primeiro aniversário da TVI Player, do qual os seus vídeos e documentários fazem agora parte. Para preparar este grande vilão, Pedro baseou-se em casos reais. "Tive um mês para me preparar, então recorri a uma psicóloga criminal. Não

conheci pessoas, mas consegui ter acesso a muitos casos e sinto-me privilegiado por ter feito parte disto", afirmou ainda, deixando no ar que gostaria de ver Rodrigo regressar à novela para continuar a infernizar a vida de Luena (Rita Pereira). "Gostei muito de o fazer. Foi um papel muito intenso, como eu gosto, e estava muito bem escrito pela Maria João Mira [autora]. Depois, trabalhar com a Rita e com o Isaac [o Júnior da história] tornou tudo muito mais fácil", disse ainda. **m**



ID: 64890771

16-06-2016

Primeiro Plano



Projetos contra o isolamento

Paredes Projeto de teleassistência

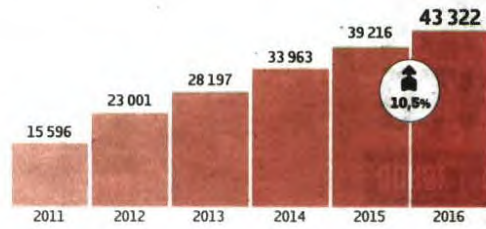
O Projecto de Teleassistência – Serviço de Proximidade a Idosos é a fórmula encontrada pela Câmara de Paredes para apoiar municípes que vivem sós. Em casa do idoso, e ligado ao telefone fixo, é colocado um aparelho que inclui um botão de alarme e uma coluna altifalante. O utente possui um colar ou pulseira com o botão, para que o possa transportar. Em caso de queda, ocorrência relativa à saúde ou mesmo por questões de insegurança, basta premir o botão, desencadeando de imediato uma ligação para a central do serviço.



Solidão Viseu, Bragança e Vila Real são os distritos com mais idosos em situação de isolamento e Braga foi onde o número mais cresceu

GNR: "Censos Sénior 2016"

Evolução do número de idosos em situação vulnerável



Por sexo, em 2016



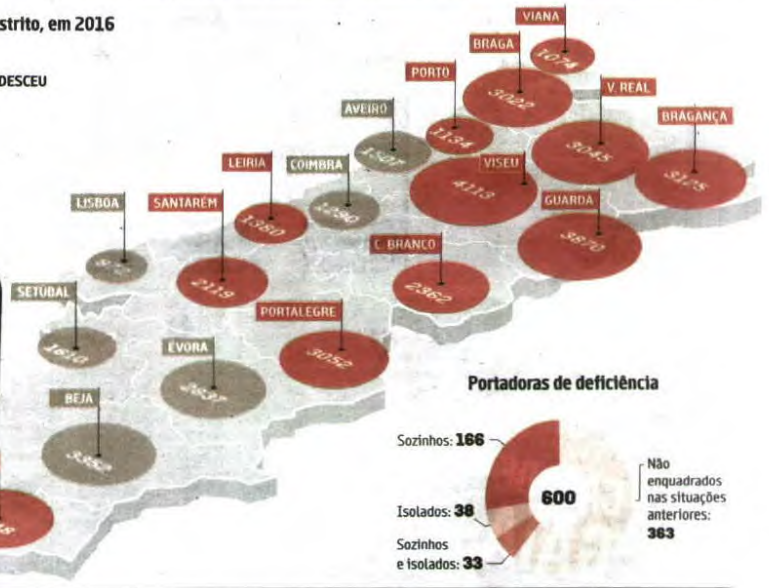
Situação dos idosos, em 2016



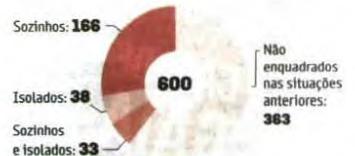
Distribuição por distrito, em 2016

Variação face a 2015

SUBIU (vermelho) DESCEU (verde)



Portadoras de deficiência



FONTE: GNR - INFOGRAFIA IN

Triplica número de idosos a viver isolados e sozinhos

Sandra Ferreira
societade@jn.pt

► De ano para ano, o número de idosos a viver sozinhos e isolados ou em ambas as situações aumenta. Sem exceção. Viseu, Guarda e Vila Real são os distritos com mais casos sinalizados, Braga e Faro onde o número mais aumentou. A GNR, força policial que cobre 94% do território e é responsável pelos "Censos Sénior", sinalizou até abril deste ano 43 322 idosos, mais 4106 do que no ano anterior (39 216), traduzindo-se num aumento de 10%. No entanto, as pessoas que vivem nestas circunstâncias quase que triplicaram desde 2011, ano do primeiro registo. Nessa altura, foram contabilizados 15 596 idosos, ou seja, há mais 27 726 idosos sós em cinco anos, a uma subida mé-

dia anual de 5 545 novos casos.

Para a GNR, "é difícil" afirmar que se trata de um efetivo aumento de idosos a viverem sozinhos e/ou isolados. "Pode ser fruto de uma ação mais assertiva por parte da GNR que, cada vez mais, faz um levantamento apertado destes dados", sublinha Ricardo Silva relações públicas da Guarda.

Em todo o país, mais de meia centena de militares afetos aos Programas Especiais têm como missão fazer giros pelas casas dos idosos. Batem-lhes à porta, perguntam-lhes se está tudo bem, falam-lhes em medidas de segurança.

Deixam os números de telemóvel e do respetivo posto da GNR para que estas pessoas mais frágeis liguem se precisarem de ajuda, nem que seja apenas por avistarem estranhos a rondar-lhes a porta.

Em poucas visitas acabam por estabelecer uma relação de confiança e de amizade.

Sempre que é detetado mais um idoso, os militares deslocam-se a casa deste e, caso verifiquem situações de vulnerabilidade, informam outras instituições, nomeadamente os serviços sociais das autarquias. Foi o que sucedeu com 864 pessoas, uma subida de 174% em relação a 2015, quando foram encaminhados cerca de 300 seniores. "Em caso de dúvida, sinalizamos em excesso. Estes idosos passam a ter apoio duplo", explica Ricardo Silva, tendo em conta que os militares continuam a visitá-los.

O distrito de Viseu é o que concentra mais casos, num total de 4113, mais 358 do que no ano passado. Logo a seguir surgem os distritos da Guarda, com 3870 e Vila Real,

com 3455. "Está relacionado com a configuração geográfica e, provavelmente, é nestas zonas que habitam mais idosos", afirma o capitão Ricardo Silva.

Nestes três distritos, o número de casos sinalizados também subiu, mas foi em Braga e Faro que o aumento foi mais acentuado, com mais de mil novos casos em relação ao ano passado em cada um deles. Em sentido contrário, Lisboa, que é o distrito com menor número de idosos isolados e sozinhos (972) apresenta a redução mais significativa, tendo registado menos 253.

Este ano, pela primeira vez, a GNR também fez o levantamento de idosos portadores de deficiência e detetou 600 casos, dos quais 166 vivem sozinhos, 38 estão isolados e 33 acumulam as duas situações. ●

APAV Violência financeira exercida pelos filhos e netos

● Mais de dois idosos pedem diariamente ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), muitos vítimas dos filhos e dos netos, que se apropriam dos seus bens e economias. Em 2015, foram apoiados 977 idosos, mais 125 do que em 2014: 80,5% são mulheres, com idade média de 75 anos. Quase 40% das vítimas (39) viviam na família nuclear e com filhos. "A violência financeira tem aumentado devido à crise", disse Daniel Cotrim, da APAV, ontem, no Dia da Sensibilização sobre a Prevenção da Violência Contra Pessoas Idosas.

Coimbra Jazz em concerto partilhado

A iniciativa "Chá das cinco" partiu do Jazz ao Centro Clube e conta com a parceria da Atlas, uma ONG que atua em Coimbra e Leiria. Em conjunto, oferecem aos idosos que vivem isolados a oportunidade de assistirem a concertos de jazz. Os espetáculos acontecem ao sábado e ao domingo.



Viseu Jovens e idosos sob o mesmo teto

"Viseu aconchega" é o nome da iniciativa da Câmara Municipal que tem como finalidade combater a solidão de idosos residentes no Centro Histórico. Os habitantes com mais de 65 anos disponibilizam alojamento a estudantes do Ensino Superior e estes fazem-lhes companhia e participam nas despesas.



17

chamadas por dia

A Linha do Cidadão Idoso (800203531), do Provedor de Justiça, recebeu, em média, 17 chamadas por dia, segundo o último balanço de 2015. O que significa que terá sido contactada mais de 3000 vezes num ano.

Maria João Valente Rosa Demógrafa diz que os idosos não estavam preparados para viver tantos anos

No futuro não será tão mau

Dina Margato
dina.margato@jn.pt

► Haverá mais de 43 mil idosos a viver sozinhos e isolados. O levantamento resulta do trabalho da GNR no terreno, que tem alargado a atuação. É um número elevado?

Devem ser números do isolamento porque pessoas com mais de 65 anos a viverem sozinhas serão muitas mais. Houve profundas mudanças na sociedade nas últimas décadas que marcaram o território. Muitas pessoas vieram para as cidades e o interior tem ficado despovoado, com os pais. Hoje há forma de contornar as distâncias físicas, através da Internet, mas esses idosos não foram preparados para isso. Houve uma mudança muito rápida da sociedade como um todo. E estas pessoas assistiram à passagem do tempo e não acompanharam o bom que as mudanças trouxeram.

O isolamento sempre existiu? Sempre. Temos a ideia idílica de que antigamente os mais velhos viviam rodeados dos familiares. Não era assim. Para já, antes, os mais velhos não chegavam a mais velhos. Os mais velhos eram raríssimos. Houve o aumento da esperança de vida e são muitos mais.

Podiam existir, mas não tínhamos esse conhecimento?

Não sabemos se os números aumentam em virtude de cobertura ou da maior incidência. Mas estes números têm por trás pessoas. É basta haver uma pessoa nestas circunstâncias que

já é motivo de preocupação. Estes números sinalizam a existência de pessoas que vivem isoladas neste país, isoladas do Mundo, e isto é altamente preocupante. A boa notícia é que, no futuro, estas situações tenderão a ter menor intensidade, por via dos avanços tecnológicos. E a outra questão a realçar é que, quem vive assim, não vive muito pior do que as do passado em idênticas idades. Não se pense que os idosos do passado – os poucos que existiam – tinham uma vida maravilhosa.

Não estavam preparados para viver tanto tempo?

Os idosos de hoje não estavam a contar viver tanto tempo e com tanta qualidade de vida e não se prepararam.

O regresso à família não se coloca?

Não se coloca. Nem se pode pensar que será a família a estrutura para os receber. Acredito que, no futuro, o isolamento não será tão significativo. Quanto mais não

seja porque os idosos serão mais tecnológicos.

Os idosos atuais não estavam preparados para os computadores, Internet, etc. Há uma forma de proximidade que estas tecnologias permitem e que pode ajudar a colmatar algumas falhas de proximidade física. Mas alguns problemas irão surgir se não nos prepararmos. O espaço público e as habitações não estão preparadas. ●



Jose Silva, 63 anos, tem paralisia cerebral, mas conduz um pequeno automóvel que lhe serve para ir ao médico

Ronda GNR de Mangualde visita de forma regular 50 idosos de quatro concelhos

“Dias e dias sem falar com ninguém”

Sandra Ferreira
sociedade@jn.pt

► Ao aproximar-se de uma aldeia, em Sátão, José Lopes toca a buzina do jipe da GNR que conduz. “Somos como os padeiros. Apitamos quando chegamos”, brinca o militar de 42 anos. Para a viatura numa rua estreita, junto a uma velha casa de pedra. José Silva, de 63 anos, abre a janela, rasga um sorriso e desce ao encontro do responsável pelos Programas Especiais do Destacamento da GNR de Mangualde, que acompanha idosos de quatro concelhos. “Então, essa saúde?”, pergunta-lhe o cabo Lopes. “Pensava que andava melhor”, lamenta-se o idoso, com paralisia cerebral, a viver sozinho há 16 anos, desde que perdeu o pai. A largos metros dali só vive uma mulher, mais velha do que ele, com quem se vai cruzando.

José Silva, com dificuldades na fala, conta ao militar, que o visita há meia dúzia de anos, que foi ao médico no seu “papa-reformas” e regressou preocupado. As análises à

próstata não estavam bem. “Vai ver que se enganaram e isso não é nada”, diz-lhe o militar, que o tenta tranquilizar.

Silva tem dois meios-irmão com quem mal se relaciona e um irmão mais novo, emigrado em França, que lhe telefona regularmente. “É por causa dele que ainda semeia batatas e feijões”, diz ele, ao JN. Tem apoio domiciliário, mas falta-lhe companhia.

“É aborrecido estar aqui sozinho. Passam-se dias e dias que não falo com ninguém”, confessa o homem, que não casou. “Uma vez, uma mulher disse que tratava de mim, mas só se eu passasse a minha casa para o nome dela. Mandei-a embora”, relata, sem nunca tirar o sorriso do rosto.

“Depois passo por cá para saber como correu com o médico”, promete-lhe o cabo José Lopes enquanto se despede.

Robert Walter, solteiro, de 68 anos, de nacionalidade suíça, também está entre os 50 idosos que a equipa da GNR de Mangualde acompanha com regularidade. Há dez anos, depois de ter tido um bar em Viseu, instalou-se sozinho numa casa, num local ermo, em Penalva do Castelo, cujo acesso é feito por um caminho estreito, de pedras e terra batida. Só um jipe consegue passar. “A vegetação está a fechar o caminho. Já fui à Câmara pedir para limparem isto. Uma ambulância não passa aqui”, relata o cabo Lopes da GNR.

O morador, que não tem carro, faz dois quilómetros a pé para chegar à estrada principal e apanhar um autocarro ou um táxi para fazer compras em Viseu. “Até ver, quero viver aqui. Não tenho medo, mas gostava de ter tido filhos, eram uma companhia. Restam-me as visitas da GNR”, conclui. ●

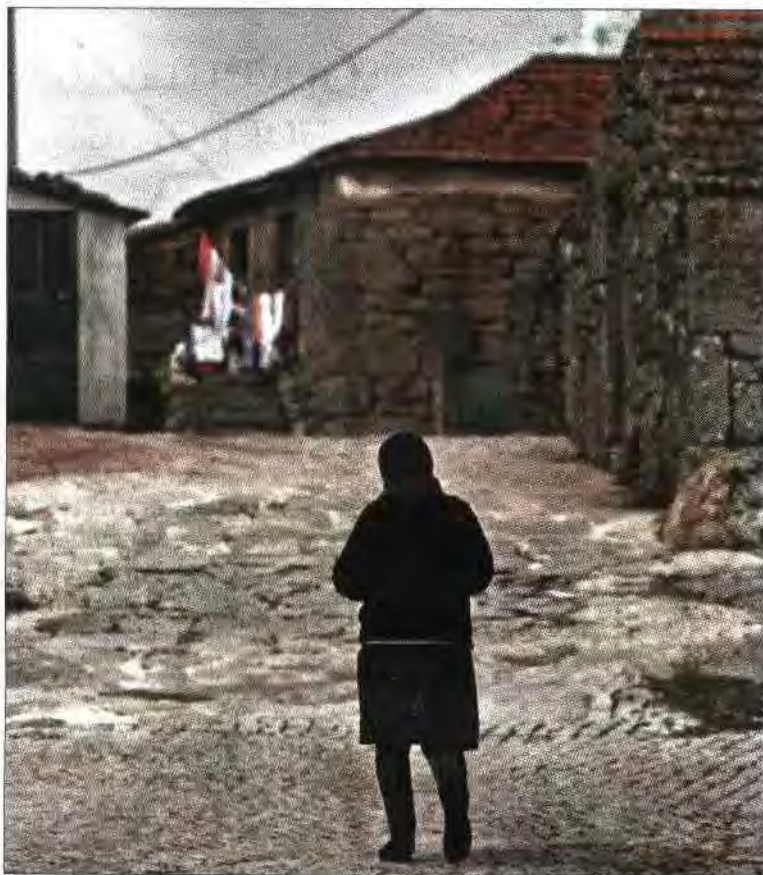
José Silva, com paralisia cerebral, vive sozinho há 16 anos e quase isolado



POPULAÇÃO

Mais idosos estão a precisar de apoio

SINALIZAÇÃO Ação da GNR sinalizou mais de 43 mil idosos em risco



É nos distritos do interior que vivem mais idosos numa situação vulnerável

CRISTINA SERRA/LUÍS OLIVEIRA

Um total de 43 322 idosos foram sinalizados pela GNR na operação 'Censos Sénior 2016', dos quais 26 mil vivem sozinhos e 4626 residem isolados. De acordo com os dados dos Censos Sénior, 3085 idosos vivem sozinhos e isolados, e 9611 estão em situação de vulnerabilidade devido a limitações físicas e/ou psicológicas. As situações mais graves, num total de 864 casos, foram sinalizadas a outras instituições.

Ao CM, o capitão Ricardo Silva, das Relações Públicas da GNR, explicou que o número de idosos sinalizados aumentou devido ao reforço de militares (300) neste programa e à "atualização dos dados da georreferenciação". Pela primeira vez, foi feita a sinalização de deficientes, tendo sido registados 600 indivíduos. José Machado, da GNR de Viseu, distrito com mais

IDOSOS EM RISCO

	2015	2016
Viseu	3755	4113
Guarda	3236	3870
Vila Real	2916	3455
Beja	3914	3352
Bragança	3092	3125
Portalegre	2829	3052
Faro	1977	3048
Braga	1647	3022
Évora	2853	2837
Castelo Branco	2165	2362
Santarém	1732	2119
Setúbal	1632	1610
Avelro	1646	1507
Leiria	822	1380
Coimbra	1745	1290
Porto	1109	1134
Viana do Castelo	921	1074
Lisboa	1225	972

2015
39 216

2016
43 322

Fonte GNR - Censos Sénior 2016

casos de idosos em risco, diz que foram encontradas pessoas "a viver em extrema fragilidade e outras que não têm qualquer meio para pedir socorro".

MUITOS QUEIXAM-SE DOS FILHOS E NETOS QUE SE APROPRIAM DO DINHEIRO

Já a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima apoiou no ano passado 977 idosos, mais 125 que em 2014. Muitos queixam-se de violência financeira - vítimas dos filhos e netos, que se apropriam das suas economias. ●



Mais de dois idosos pedem ajuda por dia à APAV, muitos por violência financeira

Mais de dois idosos recorrem diariamente à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, muitos deles vítimas dos filhos e dos netos que se apropriam dos seus bens e das suas economias, disse à Lusa fonte da APAV.

Em 2015, a APAV apoiou 977 idosos vítimas de crime, mais 125 face ao ano anterior, representando uma média de 2,7 por dia e 18,7 por semana.

Muitos destes idosos foram vítimas de violência financeira, um crime que “tem aumentado nos últimos anos, especialmente devido à situação da crise financeira”, disse Daniel Cotrim, da APAV, que falava à agência Lusa a propósito do Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência Contra as Pessoas Idosa, que se assinalou ontem.

O psicólogo explicou que os idosos são “vítimas relativamente fáceis”, sendo que na maior parte dos casos os agressores “são pessoas muito próximas”, nomeadamente filhos e netos, que “conhecem muito bem as suas vulnerabilidades e fraquezas”.

“São muito mais fáceis de manipular e de exercer poder

e controlo sobre eles, o que faz com que sejam vítimas de “muita violência financeira”, além de violência física e psicológica.

Daniel Cotrim contou que os agressores ficam com o rendimento dos idosos, chegando mesmo a retirá-los dos lares onde residem para ficar com o valor da mensalidade para apoiar o rendimento mensal da família.

Segundo o responsável, “a apropriação indevida de bens materiais e económicos dos idosos por parte dos seus familiares” é um dos motivos que leva muitas vezes as vítimas a pedirem ajuda à associação.

Mas geralmente fazem-no “já muito tempo após as situações terem começado”, lamentou. Por isso, “é importante prevenir”, sensibilizando as pessoas mais velhas para estas questões, explicando-lhes os perigos que correm.

“Também é importante sensibilizar a sociedade e as comunidades para as questões do respeito pelos mais velhos, pelas questões da cidadania e da igualdade”, defendeu Daniel Cotrim.

Sobre o aumento do número de idosos apoiados pela

APAV, o psicólogo disse que pode dever-se ao facto de as pessoas estarem mais sensibilizadas e mais informadas para este tipo de questões e denunciarem mais, mas também pode demonstrar que o problema ter aumentado.

Segundo dados da APAV relativos a 2015, 80,5% destas vítimas são mulheres, com uma média de idade de 75 anos.

Quase 40% das vítimas (39%) viviam numa família nuclear com filhos, 58,4% eram casados e 29,5% eram viúvos. A grande maioria (90,1%) era reformada.

Quanto à escolaridade das vítimas, os dados indicam que 33,3% das vítimas tinham o primeiro ciclo do ensino básico, 19,2%, o ensino superior e 13,3% não sabia ler nem escrever.

No Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência Contra as Pessoas Idosa, Daniel Cotrim apela às pessoas e aos idosos vítimas para denunciarem este crime.

“A APAV tem um número gratuito (116006)” para pedir apoio, “porque falar ajuda”, frisou. ■



ID: 64875465

15-06-2016

Opinião

Violência contra pessoas idosas

Ana Daniela Costa Dias
 enfermeira da Unidade de Cuidados na Comunidade de Viseu



associa-se à iniciativa anual da International Network for Prevention of Elder Abuse (INPEA), que no dia 15 de Junho assinala o Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência Contra as Pessoas Idosas. Esta associação tem vindo a alertar a sociedade portuguesa para a realidade ainda obscura da violência praticada contra as pessoas idosas.

Segundo o relatório anual da APAV em 2015 o perfil da vítima idosa que contacta a APAV é o seguinte: em relação ao Sexo é o Feminino (80,5%); a idade média é 74,4 anos; casado (58,4%) ou viúvo (29,5%); família nuclear com filhos (39%); 1º ciclo (33,3%), Ensino superior (19,2%), não sabe ler nem escrever (13,3%) e reformado (90,1%). A violência contra idosos não distingue ricos e pobres, habitantes urbanos e rurais é transversal a todos os estratos sociais.

O Relatório Europeu sobre a prevenção dos maus-tratos a idosos da autoria da Região Europeia da Organização Mundial de Saúde (OMS-Europa) «European report on preventing elder maltreatment» estima que dez mil idosos são fisicamente abusados diariamente.

Os maus-tratos aos idosos podem ser:

- Abusos físicos: uso de força física que pode produzir dor ou incapacidade funcional.
- Abusos psicológicos: ação de provocar dor ou angústia por expressões verbais ou não-verbais.
- Abusos financeiros ou material: exploração imprópria ou ilegal e/ou uso não-consentido de recursos financeiros de um idoso. Afetos em troca de dinheiro, o idoso deixa de ter domínio sobre o que é seu, tem que pagar para receber cuidados e muitas vezes ainda existem burlas.
- Abusos sexuais: contato sexual não-consentido.
- Negligência: recusa ou falha em exercer responsabilidades no ato de cuidar do idoso, omissão aos cuidados a ter com uma pessoa dependente, não lhe proporcionando a satisfação das suas necessidades de cuidados básicos de higiene, alimentação, segurança, afeto e saúde (mediante os recursos disponíveis pela família e cuidadores) Podendo resultar um dano na sua saúde (físico, mental, emocional, moral ou social), este pode ser voluntário ou não. É resultante, em geral, da incompetência dos responsáveis para assegurar os cui-

dados necessários e adequados.

As violências financeira e psicológica são as mais frequentes em Portugal e estima-se que afete 6,3% da população com mais de 60 anos segundo o relatório "Envelhecimento e Violência, 2014.

Os maus-tratos manifestam-se em um ou mais níveis ao mesmo tempo e ocorrem nos ambientes familiares e institucionais.

Quando há violência contra idosos, quase sempre o agressor está na família. Em alguns casos as vítimas recusa identificar o agressor. Dentro da família, em metade dos casos, a violência parte do cônjuge, companheiro ou dos filhos. Na maior parte dos casos, o idoso, para além do seu sofrimento, tem de se confrontar com questões afetivas.

Em Portugal existem poucos estudos nesta área, os que existem revelam que mais de metade não fala sobre o caso nem apresenta queixa, além da vergonha ainda existe a desvalorização do problema daí que o número de vítimas registadas poderá ficar aquém da realidade.

A APAV verificou que existe pouco conhecimento do tema por parte das vítimas, familiares e prestadores de cuidados, bem como uma insuficiente informação e capacitação dos profissionais para intervirem nestas situações. É fundamental continuar a divulgar e sensibilizar a sociedade para esta temática. ◀

As tendências demográficas recentes são caracterizadas pelo aumento continuado da esperança de vida e consequente envelhecimento da população.

Em 2050, Portugal será o quarto país da União Europeia com maior percentagem de idosos.

Associado ao envelhecimento encontra-se o fenómeno dos maus-tratos, fenómeno este com tendência crescente se tivermos em consideração os índices de dependência da população idosa.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) receia que este aumento de população, associado a uma certa quebra de laços entre as gerações e com o enfraquecimento dos sistemas de proteção social, venha a agravar as situações de violência.

AAPAV Associação Portuguesa de Apoio à Vítima



Rádio Comercial lança campanha solidária

O Disco “Passa a outro e não ao mesmo!” é o novo projeto solidário da Rádio Comercial, no âmbito da sua plataforma de cariz solidário “Eu Ajudo!”. O Disco é composto por 11 canções inéditas interpretadas por vários artistas portugueses. Este projeto solidário irá ajudar 11 associações de solidariedade ao longo de 11 dias.



**22469****denúncias**

por violência doméstica registadas pelas forças policiais, no ano passado, segundo os dados do Relatório Anual de Segurança Interna. Apesar da dimensão, correspondeu a uma descida de 2,2% em relação a 2014.

5907**casos em Lisboa**

de violência doméstica registados no ano passado no distrito de Lisboa, que liderou o ranking de ocorrências, à frente do Porto (4782), Setúbal (2285), Aveiro (1766) e Braga (1729). Foi Portalegre que teve a maior subida (25%).

67%**das vítimas**

de violência doméstica em 2015 tinham entre 25 e 54 anos, 15% menos de 25 anos e 18% mais de 54 anos. Já no que diz respeito aos denunciados, 74% tinham entre 25 e 54 anos, 9% menos de 25 e 17% mais de 54 anos.

Prevenção Só a GNR registou um aumento de 35% nas apreensões efetuadas a suspeitos que muitas vezes ameaçam as vítimas de morte

Cada vez mais armas na violência doméstica

GNR : armas apreendidas em casos de violência doméstica

Distritos com mais apreensões em 2015



FONTE: COMANDO-GERAL DA GNR / INFOGRAFIA.IN

Nuno Silva
nsilva@jn.pt

► "Ele tem armas em casa". A denúncia das vítimas de violência doméstica tem levado as autoridades a deparar com verdadeiros arsenais à guarda dos suspeitos. A GNR registou, em 2015, um aumento de 35% no número de armas de fogo apreendidas naquele contexto, no mesmo ano em que 15 mulheres foram assassinadas a tiro.

Segundo os dados divulgados ao IN pelo Comando-Geral da GNR, as apreensões não têm parado de crescer desde 2013, em que foram recolhidas 560 armas. No ano seguinte foram 634 e em 2015 foram totalizadas 975. Os distritos de Lis-

boa (120), Setúbal (112), Santarém (89), Braga (89) e Viseu (78) surgem no topo. Entretanto, e só até abril deste ano, já foram apreendidas 362 armas, com Faro (79) a destacar-se. A análise dos dados permite também apurar que 40% do total de armas de fogo apreendidas pela força policial no ano passado (2466) está relacionado com a problemática da violência doméstica.

Segundo explicou uma fonte da Direção de Investigação Criminal da GNR, este género de ações é desencadeado de duas formas. Por um lado, quando as patrulhas são chamadas às ocorrências, por vítimas ou vizinhos, e há indícios da presença de armas no domicílio do alegado agressor. Por outro, na se-

quência de processos de investigação, em que são emitidos mandados de busca com autorização judicial para a apreensão, como medida preventiva, de todas as armas de fogo ou armas brancas que possam constituir um risco.

"Numa situação em que a vítima tenha sido ameaçada, todas as armas, mesmo as que estejam legalizadas, são apreendidas cautelara-

Há casos em que um só suspeito guarda dezenas de armas na residência

mente, para evitar um escalar de violência por parte do agressor, na sequência da denúncia", explicou a mesma fonte. Tudo o que é apreendido fica "à ordem do inquérito, sendo depois o tribunal a decidir o destino a dar, analisando-se caso a caso".

Em causa estão, sobretudo caçadeiras, mas também pistolas, revólveres, armas de pressão de ar, munições e armas brancas, como navalhas, facas e bastões. Há casos em que um só suspeito guarda dezenas de armas. Uns alegam ser colecionadores, outros justificam a posse dos arsenais com as atividades de caça e tiro desportivo.

As buscas são realizadas, normalmente, pelos Núcleos de Inves-

tigação e Apoio a Vítimas Específicas (NIAVE), unidades da GNR especializadas no combate à violência doméstica, com o apoio das estruturas de investigação criminal. Aos suspeitos são aplicadas medidas de coação que, em casos de maior gravidade, passam pela prisão preventiva, mas também pela proibição de contactos e de aproximação das vítimas.

O IN também questionou a PSP sobre apreensões de armas de fogo no contexto da violência doméstica, mas a Direção Nacional respondeu que não tem aqueles dados disponíveis. Adiantou, apenas, que as armas apreendidas com maior frequência são "armas brancas e de caça".

recordistas recentes :

Um suspeito com mais de 50 armas em Abrantes

► Mais de 50 armas proibidas e 150 munições foram apreendidas pela PSP a um homem, de 61 anos, suspeito de violência doméstica, em Abrantes. Além de caçadeiras e pistolas, possuía diversas armas brancas.

Tinha 14 armas de fogo e quatro armas brancas

► GNR apreendeu, em Monção, a um indivíduo de 45 anos igualmente investigado por violência doméstica, 14 armas de fogo e quatro armas brancas.

Homem de 77 anos guardava 25 espingardas

► Em Avanca, Estarreja a GNR apreendeu a um homem de 77 anos um total de 25 armas, entre caçadeiras e espingardas de ar comprimido.

750

detidos

pela GNR e pela PSP, no ano passado, por suspeitas de violência doméstica, um aumento de 21% em relação a 2014. Foi o número mais alto de que há memória, numa tendência de aumento consolidada desde 2012 (417 detenções).

432

mulheres

assassinadas entre os anos de 2004 e 2015, na sua maioria em contexto de violência doméstica, segundo relatório do Observatório da UMAR. Lisboa (94 ocorrências), Porto (61) e Setúbal (45) foram os distritos com mais casos.

Condenados ficam sem direito a licença

JUSTIÇA Os tribunais e as autoridades policiais têm mecanismos para impedir que os indivíduos com historial de violência doméstica possuam licença de uso e porte de armas de fogo. Enquanto decorrem os inquéritos criminais, as armas e respetiva documentação são apreendidos aos arguidos e ficam à ordem do tribunal. No final do processo, em caso de condenação, podem ser declaradas perdidas a favor do Estado e o tribunal pode decretar como pena acessória a cassação da licença.

Além disso, como salientou fonte policial contactada pelo IN, um requisito obrigatório para a emissão ou renovação de uma licença de uso e porte de arma – seja de defesa ou de caça – é um comprovativo de “idoneidade” do requerente. O artigo n.º14 da Lei das Armas estabelece que um dos indícios de “falta de idoneidade” é a circunstância de “ao requerente ter sido aplicada medida de segurança ou ter sido condenado pela prática de crime doloso, cometido com uso de violência, em pena superior a 1 ano de prisão”, o que normalmente se verifica em casos



PSP e tribunais podem determinar a cassação das licenças a arguidos

de violência doméstica. Neste contexto, o próprio diretor nacional da PSP, força de segurança responsável pelo licenciamento de armas, também pode determinar a cassação. Segundo o artigo 108.º, tal poderá acontecer nos casos em que o titular tenha sido condenado por “crime de maus-tratos ao cônjuge ou a quem com ele viva em condições análogas, aos filhos

ou a menores a seu cuidado, ou pelo mesmo crime foi determinada a suspensão provisória do processo de inquérito”.

A cassação da licença está ainda prevista nas situações em que o arguido tenha sido sujeito, por decisão judicial, a uma medida de coação de proibição de contactos com vítimas e de frequentar determinados locais. ●

Metade dos assassinatos de mulheres foi a tiro

TENDÊNCIAS Houve utilização de arma de fogo em 52% dos casos de homicídio de mulheres registados no ano passado, segundo um relatório do Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Reposta). Das 29 mortes contabilizadas naquele estudo, 15 foram perpetradas a tiro.

Em cinco dos casos (17%) o homicida recorreu a arma branca, tendo sido também detetados casos de estrangulamento (duas mortes) e de agressão com objeto (duas), bem como afogamento, asfixia, espanca-

mento e até uso de explosivos. O distrito do Porto (7 das 29 mortes) foi o que registou mais ocorrências, seguido por Lisboa (6).

Ainda de acordo com o relatório, a maioria dos crimes foi cometida na residência (18), mas também houve mulheres assassinadas na via

Maioria dos crimes ocorre na habitação e também houve mortes na rua

pública (cinco), no local de trabalho (quatro) e em locais isolados (duas). Além das 29 mortes, houve conhecimento de 39 tentativas de homicídio.

Uma boa parte dos crimes analisados pelo Observatório ocorreram num contexto de violência doméstica (11), sendo que em seis dos casos “foi identificada a separação não aceite pelo autor do crime como a motivação para a prática do femicídio”, refere o documento, concluindo que 76% das ocorrências inseriram-se num contexto de “relações de intimidade violentas”. ●

NUNO PINTO FERNADES/GLOBALIMAGENS



Açores contam com nova linha de apoio a vítimas de violência e de crime

Violência sexual e contra idosos 'inunda' nova linha de apoio

APAV lida, desde março passado, com dezenas de denúncias e pedidos de ajuda. Violência doméstica é chaga que se mantém

PAULO FAUSTINO
pfaustino@acorianooriental.pt

Os Açores dispõem, desde março, de uma nova linha de apoio a vítimas de violência e de todos os tipos de crime, o 116006, que já registou dezenas de denúncias e pedidos de ajuda respeitantes, entre outros, a casos de violência doméstica, violência sexual e contra idosos, além de ofensas à integridade física e roubos.

A nova linha, que funciona nos dias úteis - entre as 9h30 e 17h30 (com interrupção entre as 12h00 e 13h00) - a partir das instalações em Ponta Delgada da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), tem recebido em larga escala chamadas de São Miguel, mas também de outras ilhas açorianas e até do Continente.

Segundo Sílvia Branco, dirigente da APAV nos Açores, as chamadas têm vindo a aumentar, até porque a Linha de Apoio à Vítima (LAV) funciona de forma gratuita, o que permite às pessoas exporem os problemas com maior clareza. Os casos reportados denotam a continuação da existência de problemas sociais como a violência doméstica, com a diferença, porém, que agora há "pessoas mais infor-



116006 é a linha gratuita que funciona a partir da sede da APAV, em Ponta Delgada, para apoiar residentes ou visitantes

madas que não toleram comportamentos agressivos" e, por isso, agem aos primeiros sinais. Violência sexual contra mulheres, neste caso traduzindo-se em contactos e interações de natureza sexual efetuados por uma pessoa sobre outra, contra a sua vontade; e violência contra idosos, não raras vezes despoletada pela obtenção de dinheiro para consumo de droga ou associada a desemprego, são também fenómenos que 'caem' na associação e que preocupam.

A LAV, que já funcionava no país e no espaço da União Europeia, dá resposta a casos que vão desde denúncias de violência doméstica, maus tratos, ameaças, homicídio, crimes sexuais, dano, burla, discriminação, furto, stalking e bullying.

A chamada para o 116006 é gratuita, funciona na mesma lógica do 112 (destinado a situações de emer-

gência) e pode servir para auxiliar tanto locais, como visitantes, neste caso turistas que têm chegado em maior número às ilhas em resultado da vinda das companhias aéreas 'low cost' para os Açores. Quem quer que ligue para este 116006 na Região tem do outro lado da linha alguém da APAV que informa, aconselha e apoia vítimas de crime, seus familiares e amigos, através da prestação de informação sobre os seus direitos, de apoio psicossocial, bem como de aconselhamento sobre questões financeiras e práticas decorrentes do crime e da violência. Ou seja, através da LAV, a pessoa dispõe do apoio que necessita para conseguir lidar e superar as consequências de ter sido vítima de crime ou violência.

"As pessoas que estejam na Região e que liguem para este 116 - sejam pessoas a residir ou que estejam

cá enquanto turistas - nós atendemos a chamada e depois fazemos o devido encaminhamento, acompanhamento ou aquilo que for necessário", salientou Helena Costa, da APAV.

Dá ainda nota que, depois da entrada em funcionamento do novo serviço, têm sido registadas algumas queixas de turistas nacionais, sobretudo referentes a furtos em viaturas. Crimes que acontecem, por exemplo, quando as pessoas estacionam os veículos para visitar uma lagoa "e, quando chegam, já não têm lá nada". Nesta circunstância, a APAV trata do problema relacionado com a perda de documentos para viajar e, quando possível, assegura acompanhamento à vítima no próprio local onde reside.

A APAV Açores está à procura de voluntários para colaborar no funcionamento da LAV. *

PAULO FAUSTINO



APAV Campanha para angariar associados

● A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima está a celebrar os 26 anos de trabalho com uma campanha para angariar mais associados. "Apelamos a quem tem sensibilidade e é solidário com as vítimas de um crime", diz o presidente João Lázaro. A quota mensal é de 2,5€ para particulares e de 58€ para empresas.



PRÉMIOS CRIATIVIDADE



Os grandes vencedores

Já são conhecidos os vencedores dos Prémios M&P Criatividade em Autopromoções e dos Prémios Criatividade M&P. Recorde alguns momentos da festa

FRAME IT



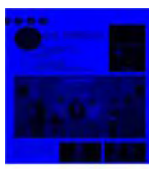
O #smarteffect, da BBDO para a Smart, foi Grande Prémio nos Prémios Criatividade M&P



O Dia da Mulher, da SIC Esperança para a APAV, foi distinguido ex aequo com o Grande Prémio nos Prémios M&P Criatividade em Autopromoções



O vídeo Ai Jesus, feito pela RTP1 para promover o final da Super Taça, ganhou ex aequo o Grande Prémio nos Prémios M&P Criatividade em Autopromoções



GRANDE PRÉMIO

CANAL: **SIC ESPERANÇA**

TRABALHO: **SIC ESPERANÇA / APAV - DIA DA MULHER**

AUTORIA: **RODRIGO GUEDES DE CARVALHO**

MÚSICA E LETRA ORIGINAL: **RODRIGO GUEDES DE CARVALHO**

DIRECTOR CRIATIVO: **DANIEL CRUZEIRO**

COPYWRITER: **PEDRO CANAIS**

REALIZAÇÃO: **TIAGO GUEDES**

OP. CÂMARA (MAKING OF): **NUNO SANTANA**

DIRECÇÃO DE ARTE: **ALEXANDRE FERRADA**

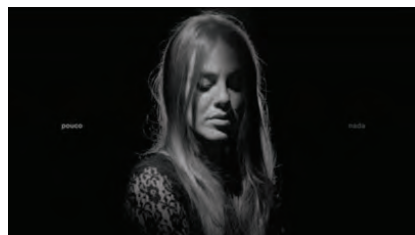
PRODUÇÃO: **TAKE IT EASY, MARCOS OLIVEIRA**

EDIÇÃO VÍDEO: **VITOR SILVA, LINA LOURENÇO, PEDRO SILVA**

SONOPLASTIA: **ANTÓNIO SANTOS, PEDRO GODINHO, RICARDO MARTINHO**



Por uma causa, oito cantoras aceitaram o desafio de interpretar uma canção, que se tornou um hino contra a violência doméstica. Para dar voz ao silêncio, a SIC e a SIC esperança associaram-se à APAV na campanha uma "canção pelas vítimas". A divulgação do clip "Estou Cansada", com letra e música de Rodrigo Guedes de Carvalho, foi o ponto alto da campanha. Justamente a 8 de Março, Dia da Mulher





Os deputados Edite Estrela, Elza Pais e Alexandre Quintanilha, do PS, e a deputada do BE Sandra Cunha falaram com Ana Maximiano

Caso da mãe em greve de fome leva deputados a criar nova lei

Violência doméstica. Partido Socialista promete legislação para evitar casos como o da mãe a quem foram retiradas as filhas e entregues a pai agressor. BE também ouviu Ana Maximiano

RUTE COELHO

Ana Vilma Maximiano, a mulher que está em greve de fome há dez dias em luta pela guarda das filhas, ainda não conseguiu a sua vitória pessoal mas já pôs o Parlamento a tentar evitar casos como o seu. Uma delegação do Partido Socialista (PS), composta pelos deputados Edite Estrela, Elza Pais e Alexandre Quintanilha, garantiu ontem que “está a trabalhar para apresentar medidas legislativas novas” na área da violência doméstica, para uma “harmonização entre as decisões em processos-crime e as do cível, relativas à responsabilidade parental sobre os menores”.

O caso de Ana Maximiano, de 34 anos, a quem retiraram as filhas menores para as entregar à guarda provisória do pai, condenado por violência doméstica, encaixa nesse padrão que o PS gostaria de mudar. É que o Tribunal de Família e Menores de Cascais decidiu a 7 deste mês prorrogar por mais seis meses a guarda provisória das crianças ao ex-companheiro de Ana Maximiano, quando este tinha sido conde-

nado em março a uma pena de prisão de dois anos e dez meses, suspensa na execução, por violência doméstica agravada contra Ana. A auxiliar educativa, que está de baixa psicológica, mostrava ontem, ao fim de dez dias sem comer, um aspeto mais frágil. Sentada num banco de jardim com os seus cartazes habituais, frente à entrada lateral do Parlamento, não conteve as lágrimas quando recordou aos deputados que já não tem as filhas consigo “há sete meses” (desde dezembro de 2015).

“O grupo parlamentar do PS estará onde houver dramas humanos. Neste caso, parece-nos haver aparente contradição entre a decisão penal e a decisão do tribunal de família. O Partido Socialista, no seguimento das recomendações da Convenção de Istambul, que insta os Estados membros a tomar medidas para que as decisões penais sejam tidas em linha de conta nas cíveis, vai apresentar medidas legislativas nessa área”. A deputada Edite Estrela acrescentou que são iniciati-

vas legislativas no combate à violência doméstica “que tinham sido chumbadas pela maioria anterior de direita e que serão retomadas no início da próxima sessão, depois das férias parlamentares. Visam promover um maior diálogo entre os tribunais para que situações destas não aconteçam”.

Parlamento: um ponto

Dos três órgãos de soberania que Ana Maximiano decidiu visitar, sempre no exterior, nesta semana – Presidência da República, primeiro-ministro e Assembleia da República –, só o Parlamento “desceu” à rua para falar com ela e apenas quatro deputados o fizeram: os

Advogado
anunciou queixas
contra juíza
e procuradora

três socialistas já referidos e Sandra Cunha, do Bloco de Esquerda, que foi até a primeira a chegar. Antes de Ana se “plantar” ontem em frente ao Parlamento, o seu advogado, Gameiro Fernandes, enviou uma exposição do caso a todos os grupos parlamentares e também ao Presidente da Assembleia da República, Ferro Rodrigues.

A deputada bloquista prometeu a Ana e ao seu advogado que vai “estudar o processo”. E explicou ao DN: “Não deixa de ser estranha uma decisão de entregar crianças a alguém que foi condenado por um crime de violência doméstica.” A deputada comprometeu-se ainda “a ver as lacunas que existem no sistema de proteção das crianças por forma a alterar alguma coisa e evitar este tipo de situações”. Uma delegação da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta), liderada pela diretora executiva, Elizabeth Brasil, esteve também no local a ouvir Ana Vilma.

Na próxima segunda-feira, Ana estará em frente ao Ministério da Justiça, porque o gabinete do primeiro-ministro remeteu a exposição do caso para Francisca van Duijn.

O advogado Gameiro Fernandes adiantou ainda que vai avançar na terça-feira com duas participações-crime: contra a juíza de menores do tribunal de Cascais, Helena Leitão, e a procuradora Margarida Pereira da Silva, que estão no processo da regulação das responsabilidades parentais. E também vai avançar com um incidente de suspeição da juíza.



DIREITOS RESERVADOS

Denúncias vagas de crimes preocupam APAV

APAV tem-se deparado com denúncias pouco objetivas que põem em causa o apoio às vítimas. Uma situação explicada pelo "medo de represálias"

PAULO FAUSTINO
pfaustino@acorianooriental.pt@email

A delegação regional da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) está preocupada com a existência de denúncias inconsistentes que limitam o seu trabalho na defesa de pessoas vítimas de crimes e violência nos Açores, sobretudo em São Miguel.

Não raras vezes, as denúncias que chegam à APAV/Açores, a apontar por exemplo para situações de violência doméstica, são feitas de forma anónima e imprecisa, de tal maneira que a organização tem depois dificuldade

em chegar aos visados e prestar o necessário apoio. Nalguns casos surgem por telefone sem indicação clara de morada, sem referência a nomes e outros pormenores importantes para que o caso seja devidamente acompanhado ou encaminhado. Sílvia Branco, dirigente da APAV/Açores, acredita não haver um envolvimento mais assumido das pessoas na denúncia de casos de violência doméstica, maus tratos, violência sexual e contra idosos - só para mencionar os mais recorrentes - por terem "medo de represálias" e não se quererem expor. Chega a acontecer casos em que os denunciadores identificam as moradas onde sabem haver vítimas de crimes apenas pela cor da fachada, por uma referência geográfica vaga e pouco mais. Depois dizem que a sua parte está feita, convidando - com as poucas informações que fornecem - a APAV a prosseguir o trabalho. O facto,

porém, é que desta maneira a APAV não consegue desenvolver adequadamente a missão para que foi criada. Que passa por informar e apoiar vítimas de crime, incluindo familiares e amigos, através da prestação de informação sobre os seus direitos, de apoio psicossocial e aconselhamento sobre questões decorrentes de crime e violência.

As denúncias e pedidos de ajuda têm 'batido à porta' da organização de solidariedade social através da nova Linha de Apoio à Vítima (LAV), que funciona a partir da sua sede em Ponta Delgada. "Muitas das denúncias são feitas por vizinhos", reconhece Sílvia Branco, fazendo notar que desde março - altura em que a LAV começou a operar nos Açores - verificou-se um acréscimo de chamadas (gratuitas) para a LAV respeitantes a situações de crime e violência, em boa parte relacionadas com violência doméstica,



Associação de Apoio à Vítima apela à denúncia objetiva para ajudar quem precisa

sexual e contra idosos.

A APAV apela, assim, a que as pessoas denunciem, mas que o façam com objetividade e clareza, para que a instituição não deixe de assegurar apoio a pessoas que manifestamente precisam dele.

Com o objetivo de promover a LAV e também a necessidade de haver denúncias consistentes, a APAV/Açores pretende realizar uma campanha de sensibilização pelas ilhas para melhorar a consciência social sobre estas matérias. †

Crime**Trinta e dois portugueses mortos no estrangeiro**

Trinta e dois portugueses foram vítimas de homicídio no estrangeiro em 2015, 13 dos quais no Brasil (7) e Venezuela (6), segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), recolhidos pelo Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses no Estrangeiro, criado em 2014.

**Homicídios****APAV contou num ano 32 portugueses mortos no estrangeiro**

Trinta e dois portugueses foram vítimas de homicídio no estrangeiro em 2015, 13 dos quais no Brasil (sete) e na Venezuela (seis), segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima ontem divulgados. Os dados, recolhidos através de notícias publicadas na comunicação social, mostram que a maioria dos casos esteve relacionada com crimes de natureza patrimonial.



APAV Antecedentes em 35 de 64 casos. Mas há menos vítimas apoiadas

Mais homicídios após violência doméstica

Nuno Miguel Maia

nunomm@jn.pt

► Cerca de metade das pessoas apoiadas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no âmbito da Rede de Apoio de Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio, estiveram envolvidas ou próximas de situações de violência doméstica. São 35 casos dos 64 processos de apoio iniciados pela APAV em 2015, relativos a homicídios tentados ou consumados, o que equivale a mais de 50%, nos quais existiram antecedentes de violência doméstica.

Estes números constam no relatório sobre as vítimas de homicídio relativo a 2015, ontem divulgado, no qual é revelado que a APAV realizou, a nível nacional, um total de 660 atendimentos a familiares, amigos e vítimas de crimes de homicídio tentado e consumado. No



APAV refere necessidade de "novo estreitamento de relações" com a PJ

ano anterior, a mesma instituição registara 494 atendimentos.

Apesar do aumento do número de diligências, verificou-se uma redução do número de crimes acom-

panhados pela rede de apoio. Os 64 casos de 2015 contrastam com os 86 registados em 2014 e os 80 de 2013. Destes números, a percentagem de casos com antecedentes de violência doméstica é inferior à verificada no ano passado. Desde 2013 foram acompanhados 230 crimes de homicídio.

A APAV constata que a rede intervém apenas numa pequena parte dos crimes e que o contacto direto com a APAV tem sido a principal fonte de conhecimento de casos.

A instituição refere que em 2015 a Polícia Judiciária (PJ) referenciou apenas 12 casos de crimes de homicídio tentado ou consumado, o que traduz uma diminuição relativamente a 2014, ano em que foram referenciados 33 utentes, na sequência de 19 crimes. O relatório indica como objetivo para 2016 um "novo estreitamento de relações" com a PJ. ●



HOMICÍDIOS FORA DO PAÍS

PORTUGUESES MORTOS NO ESTRANGEIRO EM 2015



PORMENORES

Menos um caso mortal

O número de portugueses assassinados no estrangeiro em 2015 foi de 32. Em 2014, tinham sido registados 33 casos de homicídio de cidadãos nacionais em todo o Mundo. Em Portugal houve 122 homicídios no ano passado, menos 5 que em 2014.

Homens morrem mais

De acordo com os dados divulgados pela APAV, dos 32 portugueses mortos, 20 eram homens e 11 mulheres. Há um caso em que o género da vítima não foi determinado.

São Paulo e Cuamba

As cidades onde se verificaram mais vítimas portuguesas foram São Paulo (Brasil) e Cuamba, na província de Niassa (Moçambique, com duas mortes em cada.

Atentados em Paris e na Tunísia matam 4 cidadãos lusos

■ Maria da Glória Moreira, viúva de 76 anos, foi uma das 38 vítimas mortais do ataque terrorista ao resort Port El Kantaoui, na cidade tunisina de Sousse, a 26 de junho de 2015. Em Paris, já no mês de novembro, outros três portugueses perderam a vida na sequência de atentados terroristas, em Paris: Précilia Correia, de 35 anos, e Cristhine Gonçalves morreram no Bataclan; Manuel Dias, taxista de 63 anos, perdeu a vida na sequência de uma explosão junto ao Stade de France. ●



Précilia morreu no Bataclan

Crimes no estrangeiro matam 32 portugueses

APAV ● Estatísticas revelam que Brasil e Venezuela são os países mais perigosos para emigrantes e turistas **TERRORISMO** ● Fenómeno desconhecido até agora para o nosso país fez quatro vítimas

JOÃO CARLOS RODRIGUES

Pedro Horta, assassinado à facada em Milão, Itália, aos 18 anos. Rita Fernandes, violada e espancada até à morte em Luanda, Angola, aos 37 anos. Agostinho Sousa, baleado no peito e morto à porta de um café em Newark, nos Estados Unidos, aos 40 anos. Estes foram só três de 32 portugueses assassinados no estrangeiro durante o ano passado, de acordo com um relatório da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) divulgado ontem.

“É um número muito significativo e não corresponde apenas a casos de portugueses emigrados. É um número que reve-

la uma realidade de grande vulnerabilidade e necessidade de apoio às famílias. Além do fator homicídio, segue-se um conjunto de obstáculos à resolução da situação, como a trasladação do corpo e a comunicação com as autoridades de ambos os países, quer diplomaticamente, quer judicialmente”, diz a APAV, dando especial foco a casos de terrorismo (ver caixa).

DEZ CASOS MOTIVADOS POR ROUBOS. E SÓ TRÊS EM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

fenómeno “que era praticamente desconhecido para os portugueses”. Segundo o mesmo documento, só no Brasil foram sete os cidadãos nacionais a morrer na sequência de crimes, e na Venezuela outros seis (ver infografia). Angola, Estados Unidos



Rita Fernandes foi assassinada em Luanda por um colega de trabalho

da América, Suíça e Espanha vêm logo a seguir, com três casos em cada um destes países.

Os dados divulgados pela APAV demonstram ainda que mais de metade dos homicídios que vitimaram portugueses - 19 dos casos - ocorreram em lugares públicos. Outras nove mor-

tes violentas aconteceram dentro de casa das vítimas.

Ao contrário do padrão nacional - em que quase metade dos homicídios ocorrem em contexto de violência doméstica -, no resto do Mundo este tipo de crimes é motivado sobretudo por questões patrimoniais, nomeadamente roubos - dez dos casos registados. Apenas três das mortes de portugueses no estrangeiro aconteceram em contexto de violência doméstica. Os mesmos dados mostram que metade (16) das mortes foram causadas por arma de fogo e sete com recurso a armas brancas. Em três dos casos, foram usados veneno ou químicos para provocar a morte. Todas as vítimas mortais registadas tinham mais de 16 anos ●

Metade das vítimas apoiadas era alvo de violência doméstica

■ No nosso país, quase metade das vítimas de homicídio tentado e consumado que a APAV ajudou em 2015 tinha um contexto de violência doméstica, tendo o organismo acompanhado 64 crimes e atendido 845 vítimas (sobreviventes, familiares ou amigos). “Conclui-se que o crime de homicídio em Portugal continua a acontecer especialmente em relações de proximidade”, diz a APAV. ●



APAV atendeu 845 vítimas



Violência doméstica associada a metade de crimes de homicídio

APAV Quase metade das vítimas de crimes de homicídio tentado e consumado, que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) ajudou em 2015, tinha um contexto de violência doméstica, tendo o organismo acompanhado 64 crimes e atendido 845 vítimas. Os dados foram divulgados ontem e fazem parte do relatório anual para 2015 da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio (RAFAVH), uma

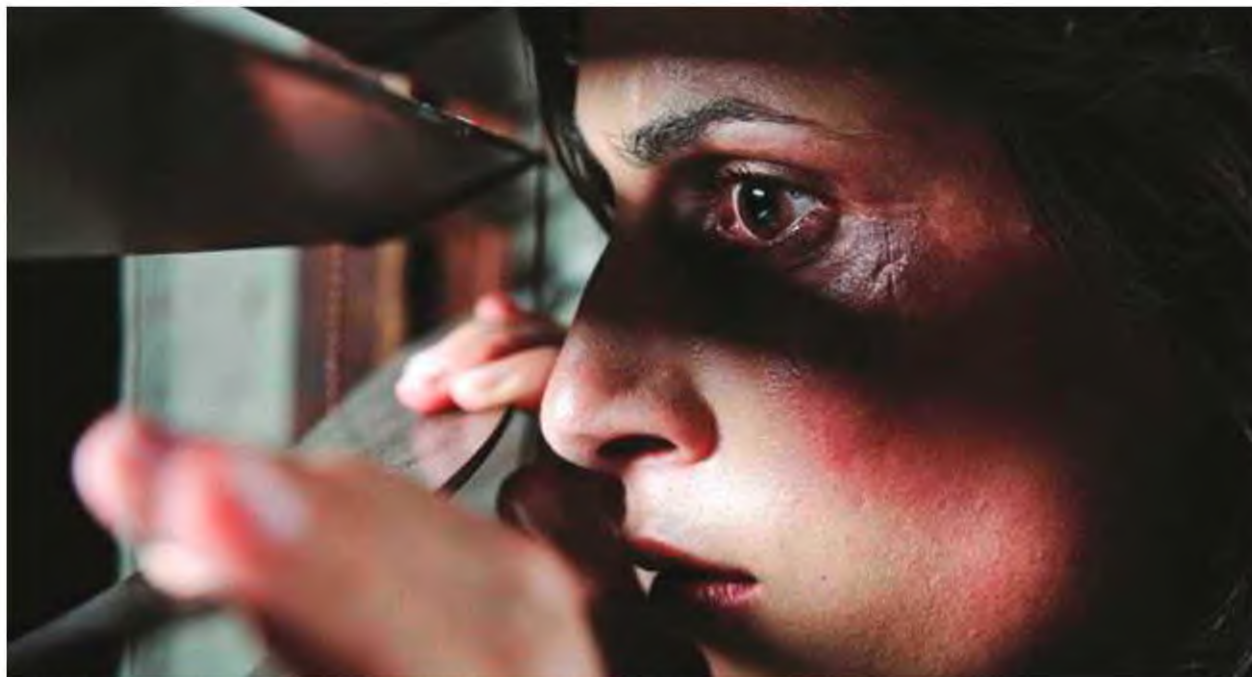
sub-rede especializada de apoio, criada em 2013 pela APAV.

No decorrer destes três anos, a RAFAVH acompanhou 230 crimes, entre 135 homicídios na forma tentada e 95 homicídios consumados. Na relação dos anos, a evolução mostra um aumento do número total de crimes entre 2013 e 2014, passando de 80 para 86, verificando-se posteriormente uma descida em 2015 para 64.

No ano passado, a APAV

apoiou 845 vítimas ou familiares e amigos de vítimas de crimes de homicídio tentado ou consumado, tendo realizado 660 atendimentos, aos quais se juntaram 16 atendimentos relativos a processos de apoio iniciados em 2013. Houve também 129 atendimentos em situações de homicídio tentado e 40 relativos a familiares e amigos de vítimas de homicídio consumado, que transitaram de processos iniciados em 2014. ◀

Violência doméstica na origem de 230 homicídios



APAV deu apoio a familiares de vítimas de 230 casos de homicídio, 95 consumados. FOTO ARQUIVO

Quase metade das vítimas de crimes de homicídio tentado e consumado, que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) ajudou em 2015, tinha um contexto de violência doméstica, tendo o organismo acompanhado 64 crimes e atendido 845 vítimas.

Os dados foram divulgados ontem e fazem parte do relatório anual para 2015 da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio (RAFAVH), uma sub-rede especializada de apoio, criada em 2013 pela APAV.

No decorrer destes três anos, a RAFAVH acompanhou 230 crimes, entre 135 homicídios na forma tentada e 95 homicídios consumados. Na relação dos anos, a evolução mostra um aumento do número total de crimes entre 2013 e 2014, passando de 80 para 86, verificando-se posteriormente uma descida em 2015 para 64.

Durante o ano passado, a APAV apoiou 845 vítimas ou familiares e amigos de vítimas de crimes de homicídio tentado ou consumado,

APAV DEU APOIO, NO ANO PASSADO, A 845 VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

tendo realizado 660 atendimentos, aos quais se juntaram 16 atendimentos relativos a processos de apoio iniciados em 2013.

Houve também 129 atendimentos em situações de homicídio tentado e 40 relativos a familiares e amigos de vítimas de homicídio consumado, que transitaram de processos iniciados em 2014.

Do total dos 64 crimes acompanhados, em 2015, a APAV verificou que, em 34 casos, os crimes ocorreram num contexto de relação de intimidade, em curso ou já terminada, havendo, por isso, uma ligação directa entre vítima e homicida.

Verifica-se igualmente que, em

35 casos, a violência doméstica esteve na origem do crime.

“Conclui-se que o crime de homicídio em Portugal continua a acontecer especialmente em relações de proximidade”, aponta a APAV.

Segundo a associação, no total dos 98 utentes apoiados em 2015, 42 tinham sido vítimas de violência doméstica, o que mostra um rácio de 47%. Valores que não são muito diferentes dos anos anteriores, já que, em 2013, as vítimas de violência doméstica representavam 40% do total de utentes apoiados, número que sobe para os 45%, em 2014.

Separando os casos de homicídio tentado do homicídio consumado, é possível verificar que, em relação aos primeiros, a proporção aumenta significativamente, com as vítimas de violência doméstica a representarem 68% dos 47 casos, ou seja, mais de dois terços dos processos.



www.dnoticias.pt
O QUE ESTÁ NA ORIGEM
DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA?



DISCURSO DIRETO

Bruno Brito: psicólogo, sobre o apoio da APAV a familiares de vítimas de homicídio

“HÁ VÍTIMAS SILENCIOSAS COM FERIDAS PROFUNDAS”

CM - A APAV criou uma rede de apoio a familiares de vítimas, sobretudo indiretas, de homicídio. Qual o vosso papel nestes casos?



Bruno Brito - Cada caso é um caso e esse apoio varia consoante as necessidades detetadas. Para lá do grande impacto que estas situações têm na vida das pessoas, o que requer ajuda imediata, há também os processos judiciais, a investigação criminal, os pedidos de indemnização... É um conjunto de situações em que estas pessoas precisam de apoio.

- **Que cenário encontram**

quando avançam para o terreno?

- São vítimas silenciosas, ocultas, que até há pouco tempo não entravam nas estatísticas e que às vezes nem se elegem

como vítimas. Mas acabam por ter feridas profundas e é fundamental o apoio da APAV.

- **Tem sentido alguma evolução na abordagem destas situações?**

- Há uma diferença após as nossas intervenções. É um trabalho em rede. A sensibilidade que o sistema tem para apoio a familiares da vítima está a mudar. Começa a ser uma prioridade para lá da investigação criminal. ● J.C.R.



Vítimas sem apoio necessário

APAV considera que ajuda às vítimas de homicídio é insuficiente. E pede encaminhamento mais rápido e eficaz.

CARLA MARINA MENDES
cmendes@destak.pt

● Não sofrem na pele o crime, mas nem por isso deixam de ser vítimas, sofrendo os efeitos deste quando é praticado contra alguém próximo. E, em 2015, a Rede de Apoio a Família e Amigos de Vítimas de Homicídio da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou 42 familiares e amigos de vítimas de homicídio consumado e 47 vítimas de homicídio tentado. Foram 64 crimes e 660 atendimentos.

Um número que, à semelhança do verificado com os crimes reportados, caiu face ao ano anterior (menos 30 processos), mostra o relatório 2015 Vítimas de Homicídio. Apesar de considerar que, «idealmente», todas as vítimas deveriam ter acompanhamento, a APAV admite que isso nem sempre acontece.

De resto, de um total de 122 crimes de homicídio contabilizados pelo Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal, a APAV apoia apenas uma pequena percentagem,



REUTERS

APAV chama a atenção para o risco do terrorismo, que tem feito vítimas lusas

apelando, por isso, ao «estreitamento de relações» com a Polícia Judiciária (PJ) e outros parceiros, para um encaminhamento «mais célere e em maior número».

Mais vítimas do terrorismo

Há também muitos portugueses vítimas de crime além-fronteiras – em 2015, a análise dos meios de comunicação social contou 32 casos, número que a

APAV considera «muito significativo». Vítimas de crimes diversos, algumas de atos terroristas, situação que a associação acredita poder vir a aumentar. E apesar de os familiares e amigos «revelarem uma realidade de bastante vulnerabilidade e necessidade de apoio às famílias», estes ficam de fora do âmbito de ação da APAV que, por isso, «dará início ao estudo de procedimentos de apoio para estes casos».



Substâncias psicoativas e riscos associados

Diana Pinto e Joana Silva
Estudantes de Enfermagem da Unidade de Cuidados na Comunidade



prevenir o consumo na população, particularmente nos jovens. O tema deste ano é: "Ouve primeiro", alertando para a necessidade de ouvir as crianças e os jovens sendo que a prevenção começa nos pais e educadores.

Apesar dos esforços por parte da comunidade internacional, o problema mundial do uso e tráfico de substâncias psicoativas continua a constituir uma ameaça grave para a saúde pública, segurança e bem-estar da humanidade, bem como para a estabilidade socioeconómica, política e do desenvolvimento sustentável.

Em 2013, A UNODC (United Nations Office on Drugs and Crime) estima que 187,100 pessoas morreram prematuramente devido ao consumo de drogas.

Segundo os dados mais recentes fornecidos pela Direção Geral de Saúde (DGS), das 5,355 pessoas estudadas em 2012, com faixa etária compreendida entre os 15 e os 64 anos de idade, 46,2% consumiu tabaco ao longo da vida, 73,6% consumiu bebidas alcoólicas, 20,4% consumiu medicamentos e 23,7% consumiu substâncias psicoativas ilícitas.

Verifica-se um maior consumo de tabaco, be-

bidas alcoólicas e substâncias psicoativas ilícitas no sexo masculino, ao passo que o sexo feminino se demonstrou dominante no consumo de substâncias medicamentosas. Havendo conhecimento das alterações comportamentais provocadas pelas substâncias psicoativas, isto poderá justificar os valores fornecidos pela APAV (apoio à vítima) no ano de 2012, que ditam que há uma maior predominância do sexo masculino (79,5%) no que diz respeito à criminalidade. Por outro lado, o sexo feminino demonstrou ser o público-alvo dos crimes (81,1%), motivo pelo qual este sexo tem uma maior recorrência a substâncias medicamentosas, como é o caso dos antidepressivos.

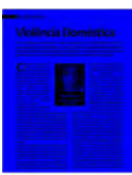
O facto da luta contra o uso de substâncias psicoativas ter em particular atenção a camada jovem, deve-se ao facto do desenvolvimento cerebral permanecer em curso até aos 25 anos e do consumo ser bastante predominante na adolescência. Tendo em consideração que a adolescência compreende a maturação cognitiva, emocional e social, o cérebro adolescente é um cérebro de transição que difere anatómica e neuroquimicamente do adulto. Posto isto, o

consumo de substâncias psicoativas na adolescência está associado a um maior risco de desenvolver perturbações psicóticas persistentes (como é o caso da Esquizofrenia) comparativamente com a exposição tardia, tendo em conta que o cérebro em desenvolvimento é mais vulnerável aos efeitos das mesmas do que o cérebro maduro.

Os motivos do consumo destas substâncias podem ser diversos desde a pressão dos pares, à exclusão social. Contudo, este tipo de consumo acarreta consequências como a dependência, doenças físicas e mentais. Não experimente algo que não acrescente valor à vida!

Nunca se esqueça: por detrás de uma falsa sensação de bem-estar obtida pelas drogas está o vício, o término de um futuro, a destruição de ligações cerebrais que lhe possibilitam ter comportamentos adequados, a chegada de doenças como a SIDA e a Hepatite, a solidão e a morte...voluntária ou involuntária.

Se é consumidor de "drogas" e necessita de ajuda, procure a sua equipa de saúdes ou contacte o Centro de Respostas Integradas de Viseu (232 001 275; cri.viseu@idt.min-saude.pt) ◀



SAÚDE MENTAL

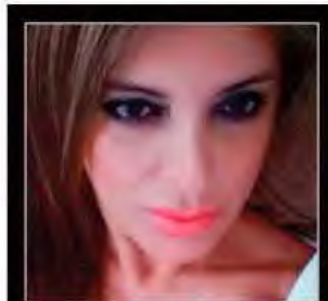
Violência Doméstica

Fala-se No desenvolvimento das sociedades, no crescimento humano e na evolução do pensamento, mas em pleno século XXI ainda existe violência doméstica nas sociedades ocidentais. Uma violência secreta e vergonhosa que as mulheres esforçam-se por esconder diariamente.

Carregam essa dor em silêncio e escondem o mau trato atrás da maquilhagem e dos sorrisos sem brilho para enfrentarem a rotina diária com a dignidade afetada. Com os ombros descaídos procuram erguer muros para que ninguém descubra que o marido afetoso e simpático transforma-se num monstro quando a noite cai.

Insegura, triste e violentada emocional e fisicamente, a mulher procura agradar ao marido à procura de uma noite onde não sinta a mão pesada a dilacerar a alma e o corpo já então ferido. É neste secretismo doentio que as mulheres e as crianças vítimas de agressão sobrevivem numa vida dupla. Ameaçadas e amedrontadas preferem criar uma realidade alternativa para apresentar à sociedade do que confessar o sofrimento a que estão sujeitas todos os dias.

A mãe, protetora do lar e dos filhos carrega sobre ela o peso do mundo e procura não deixar transparecer a mágoa que transporta no coração. Vítima de abusos diários, o ofensor fá-la acreditar que tudo o que lhe acontece é resultado da sua incompetência, da falta de inteligência e que por isso ela tem de ser castigada. Outras mulheres são vítimas de



por

Magda Franco

*PhD em Saúde Mental
- PTSD Positive*

outro tipo de violência que as humilha e as diminui sexualmente. Como se fossem objetos desprovidos de sentimentos e num ritual mecânico cumprem o dever de satisfazer o parceiro. Sem força e sem coragem tornam-se submissas e em silêncio desempenham o seu papel sem expressão e sem prazer. Há ainda outros tipos de violência que se prendem com comportamentos disruptivos e ofensivos que se manifestam

através das ofensas verbais, dos comentários negativos e das ameaças que destroem a autoestima e colocam dúvidas sobre quem nós somos, sobre o nosso comportamento social e sobre a nossa conduta dando origem a distúrbios emocionais difíceis de ultrapassar. Os comentários negativos distorcem a imagem que cada um tem de si próprio. É sabido que a autoestima constrói-se através do positivismo e da proatividade nas tarefas que desempenhamos. Os elogios e as críticas construtivas são trampolins para o sucesso emocional e intelectual de alguém. Saber que somos apreciados e que o nosso trabalho e formação pessoal são reconhecidos eleva-nos para outro patamar. A crença em si próprio e nas suas capacidades são armas poderosas contra os abusado-



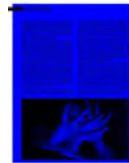
Foto: DR

res. E é porque os perpetradores sabem que têm de isolar a sua vítima para torna-la mais frágil e manipulável construindo uma imagem totalmente negativa e distorcida da realidade fazendo acreditar à vítima que ela é inútil, feia e incompetente.

Todo o agressor pretende que a sua vítima se sinta desprotegida, incapacitada e sem forma de ser ajudada. Ao incutir estes medos e estas certezas distorcidas, ele garante que a mulher se isola e as ameaças diárias de mais agressão asseguram o silêncio dela. A sensação que está desprotegida e abandonada desenvolve um medo terrífico que aniquila a força de fugir desta situação. Esta teia de terror cresce de dia para dia e as presas ficam cada vez mais embrenhadas na teia e quando tentam se libertar já estão tão envolvidas que não conseguem sair daquele lugar sem ajuda.

Muitas mulheres guardam segredo da sua condição porque são casadas com homens poderosos e sentem receio de enfrenta-los socialmente. Outras mulheres pensam que o casamento é para a vida toda e permanecem em silêncio com medo do julgamento das famílias. Ou ainda, a mulher pode ter consciência que não fez nada de errado mas porque tem os filhos pequenos, pouco dinheiro, sem casa para onde possa ir, sem emprego e sem formação académica acaba por se submeter a esta violência diária para garantir a subsistência dos filhos e a sua própria sobrevivência.

O modo como cada mulher reage a este tipo de violência vai ao encontro das suas próprias fragilidades, crenças e medos. Nunca é fácil gerir uma situação de conflito seja verbal ou físico. Há sempre o dominador e o



SAÚDE MENTAL

submisso e a forma como cada um bebe as palavras ouvidas difere de acordo com a sua própria bitola de valores e princípios morais. A vítima apresenta sempre um quadro de baixa autoestima, pouca autonomia financeira e fragilidade emocional.

Saber gerir as emoções e procurar soluções alternativas para os problemas é uma habilidade que nem todos possuem. A destreza intelectual e emocional são armas poderosas contra os comportamentos abusivos. É fundamental, frequentar os grupos de apoio onde todos partilham as suas experiências e como cada um vive e supera determinadas situações é importante para ganhar segurança e autoconfiança. É neste contexto de interajuda que alguns mecanismos de auto-defesa podem ser trabalhados visando uma melhoria na forma como a vítima pode lidar e superar a violência a que é submetida em contexto de vida privada.

De acordo com as "Estatísticas/Relatório Anual 2011, elaboradas pela Associação

Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), 19 mulheres por dia foram vítimas de violência doméstica em Portugal, no ano passado. No total foram registados 15.724 crimes de violência doméstica contra as mulheres. Num momento em que se celebra o Dia Internacional da Mulher, a APAV assinala que a mulher continua a ser a principal vítima de todos os tipos de crime, com 80% dos crimes praticados contra o sexo feminino. O autor do crime é predominantemente do sexo masculino (78%)" Estatísticas APAV | Violência Doméstica | 2011 .

Estes números revelam o quão sério é esta problemática e a necessidade de se desenvolver estratégias para a superação deste tipo de violência. É inadmissível que haja pessoas presas emocionalmente a situações de dor por sentirem que não podem ser ajudadas. Urge a necessidade de mostrar e de fazer sentir a todas as mulheres vítimas de agressões que não têm que aguentar o destrato físico e emocional.



Há outros caminhos e há outras formas de viver a vida com dignidade. Todo o tipo de violência é nociva, destrutiva e afeta toda a dinâmica familiar. A ideia de que os bandidos encontram-se em becos escuros em noites de lua cheia desapareceu. Atualmente, o inimigo pode dormir ao nosso lado, ter um rosto amigável e partilhar a vida conosco. Já nada é seguro e comparimentado como antigamente.

Muitas mulheres pensam que ao consentir este destrato estão a proteger os filhos. Mas, não estão porque a criança que observa estes comportamentos agressivos fica com traumas emocionais e o seu desenvolvimento é condicionado por estes factores perturbadores. A criança que vê e que ouve os pais a se agredirem mutuamente desenvolve um sentido de justiça erróneo e um conceito de família distorcido. Aparentemente, a criança continuará a ter os mesmos comportamentos, mas é apenas por medo que não se manifesta porque rapidamente compreende que o comportamento violento poderá também atingi-la. Revoltadas e impotentes em casa manifestam a sua raiva onde sentem que podem e tornam-se agressores na escola.

Um outro aspeto igualmente importante na matéria da violência doméstica refere-se aos maus tratos infligidos aos maridos e aos companheiros. Muito menos frequente e mais recôndito ainda é o homem que é abusado pela mulher e que por dignidade, princípios e valores morais recusa-se a infligir qualquer tipo de violência física à sua companheira mesmo que seja em autodefesa.

O homem violentado emocional e fisicamente sente vergonha em apresentar queixa à polícia, sente-se coibido de partilhar com os amigos porque a sua masculinidade é posta em causa. Vive uma vida solitária e guarda as suas dores dentro de si próprio. Isolado e infeliz encobre a vida conjugal e

tende a proteger os filhos, se houver, da mãe desestruturada.

Este estigma que o homem não pode ser uma vítima de violência doméstica tem de ser quebrado e a ajuda para a harmonia do lar tem de ocorrer sem este medo de ser gozado socialmente. As normas sociais podem ser castradoras no sentido de obrigar a vítima masculina a permanecer em silêncio com receio do que as pessoas vão pensar. A justiça do povo é soberana nesta matéria e enquanto não houver uma cultura que iguale o homem à mulher ao que concerne a violência doméstica haverá sempre casos escondidos entre quatro paredes numa agonia silenciosa. O desequilíbrio emocional não tem género. A desestruturação emocional ocorre tanto no homem como na mulher e os factores que despoletam este tipo de comportamento são normalmente extrínsecos à vítima. Seja mulher ou homem, o agressor culpabiliza o parceiro ou a parceira por todas as frustrações, desencantamentos e infelicidade que carrega dentro de si.

A necessidade de exteriorizar a raiva é tão forte que se torna incontrolável, pondo em perigo a sua própria vida e a vida dos que lhe são próximos. É sem dúvida, uma manifestação de força e de afirmação. A violência fá-los sentir poderosos e indestrutíveis. Outros factores podem ser associados a este distúrbio: o álcool, a droga, a situação financeira, inseguranças pessoais e do fórum sexual podem contribuir fortemente para um comportamento agressivo.

As crianças que crescem em famílias desestruturadas desenvolvem comportamentos disruptivos noutros ambientes sociais. Seguem os exemplos de violência aprendidos em casa e revelam comportamentos agressivos na escola. Rapidamente, transformam-se em agressores verbais com propensão à violência física dando origem a outro problema social que é o bullying.

Homicídios conjugais. Violência começa cedo e é intergeracional

25 jun, 2016 - 16:06

De acordo com um estudo da Escola de Criminologia da Universidade do Porto, o homicídio conjugal é, por norma, o culminar de uma história de abusos, quase sempre do conhecimento da família e vizinhos, mas poucas vezes comunicados às autoridades.



Em estudos direccionados a estudantes, “a violência nas relações de intimidade entre pessoas de 19, 20, 23 anos é perfeitamente legitimada e aceite. Há um discurso de aceitação e eu acho que, isto sim, nos deve preocupar francamente a todos e a todas”.

A afirmação é de Marta Silva, da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, no programa da **Renascença** “Em Nome da Lei”. No entender desta responsável, falta sentido crítico na sociedade portuguesa em relação à violência doméstica.

Daniel Cotrim, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), acrescenta que existe um ciclo de violência intergeracional que se repete.

“Na maioria das situações de homens e mulheres com quem falamos, começou no namoro e, se fizemos um trabalho ainda mais para trás, percebemos que quase há um ciclo intergeracional da própria violência – ou seja, a vítima e o agressor viveram situações em que havia violência”, revela.

A violência doméstica pode matar e os homicídios conjugais já representam cerca de um terço do total dos homicídios registados em Portugal. Os dados constam do estudo realizado pela Escola de Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto sobre homicídios conjugais.

Em cerca de 90,9% dos casos, quem mata é o homem, em casa e utilizando facas ou armas de fogo. Dois em cada cinco homicídios ocorrem pelo facto de a vítima querer pôr fim à relação. Aliás, de acordo com o mesmo estudo, quem mata alega várias razões quase sempre ligadas ao sentido de posse.

INTERNACIONAL

Depois da APAV, o Podemos: um catálogo Ikea para apresentar um programa político

09.06.2016 às 11h24



A menos de um mês das eleições legislativas antecipadas em Espanha, Podemos apresenta propostas de governação num catálogo que imita o formato e a estética dos populares catálogos de mobiliário da marca sueca. "Queremos que o nosso programa eleitoral seja o mais lido", defende diretora das propostas do partido



JOANA AZEVEDO VIANA



Hay momentos en la historia en los que para defender los principios que nos enseñaron nuestros padres hay que utilizar herramientas nuevas.

El 26J nuestro país tiene la oportunidad de estrenar un nuevo futuro.

Súmate al país que viene.

As medidas são praticamente as mesmas que as que foram apresentadas em dezembro, antes da ida às urnas no dia 20 desse mês que lançou Espanha numa crise política que culminou com a convocatória de legislativas antecipadas para o próximo dia 26 de junho (26-J).

A menos de um mês de novas eleições para definir o próximo Executivo espanhol, o Podemos relançou na quarta-feira o seu programa político mas desta vez não se ficou pela mera criação de uma lista de propostas publicadas num site para consumo dos eleitores interessados.

Para alcançarem o "objetivo atual" de terem "o programa político mais lido" dos partidos que vão a votos, o movimento de esquerda liderado por Pablo Iglesias recorreu a um modelo de consumo de enorme sucesso em vários países do mundo: os catálogos do Ikea.

Copiou a estética e o formato do catálogo e apresentou-o ontem, à semelhança da estratégia da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que em maio do ano passado contratou os serviços do publicitário brasileiro Edson Athaide para lançar um catálogo Ikea a mostrar como a casa está longe de ser um local seguro para as vítimas de violência doméstica.

SÁBADO



Dois milhões de crianças são sexualmente exploradas todos os anos

No Dia Internacional das Crianças Inocentes Vítimas de Agressão, a UNICEF relembra números preocupantes: dois milhões de crianças são sexualmente exploradas todos os anos e dois milhões de crianças foram mortas em conflitos nas duas últimas décadas. Em Portugal, três crianças e jovens por dia vítimas de crime

Hoje é Dia Internacional das Crianças Inocentes Vítimas de Agressão - mas "é de lamentar que ainda seja necessário que existam dias internacionais para que se fale destes temas". O desabafo veio de Daniel Cotrim, psicólogo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que se debruça sobre os mais recentes dados da UNICEF: dois milhões de crianças são sexualmente exploradas todos os anos.

Os dados revelados pelas Nações Unidas contêm números "preocupantes" no que toca a material de pornografia infantil. Entre 2012 e 2014, o número de páginas da *internet* que contêm pornografia infantil cresceu 147%. Para somar à conta, a Interpol e outras autoridades identificam cinco crianças vítimas de abusos sexuais todos os dias. "O que acontece na World Wide Web é um reflexo na nossa sociedade", lê-se no relatório.

Mas o relatório das Nações Unidas realça que o crescente número de abuso sexual na *internet* não é o único número preocupante: dois milhões de crianças foram mortas em conflitos nas duas últimas décadas e que 10 milhões de crianças se refugiaram através da Agência das Nações Unidas para os refugiados. Por seu turno, a UNICEF afirma que mais de um bilião de crianças sofre pelo menos um tipo de privação, o que representa cerca da metade das crianças no mundo que vivem diariamente em situação de pobreza.

Violência doméstica: o final feliz de Sofia

Foi vítima durante longos anos. Hoje, superou o trauma, refez a vida e reconciliou-se com o passado. Mantém uma relação de amizade com o pai da filha, o agressor

2016-06-10 01:53



Aline Raimundo

Sónia Grilo é um exemplo raro de vítima de violência doméstica, alguém que conseguiu ultrapassar o drama, refazer a própria vida e, ao mesmo tempo, reconciliar-se com o passado. Sónia Grilo deu pela primeira vez o seu testemunho em televisão, esta quinta-feira, na 21ª Hora, na TVI24. Um testemunho diferente do habitual e um exemplo da importância das casas de abrigo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Sem entrar em detalhes sobre si mesma e sobre a sua vida, mas com um sorriso e uma serenidade que saltou à vista, Sónia Grilo contou como é que mudou o fim à história que a maioria dos portugueses está habituado a ouvir em situações de violência doméstica e conjugal. Mãe de uma filha, Margarida, cuja idade não mencionou, Sónia revelou que "refez tudo" na vida depois de sair do círculo vicioso da violência doméstica e que hoje mantém até uma relação de amizade com o pai da filha, o agressor. A mulher explicou que se tratou de um processo de maturação que passou por dois vértices: o da vítima e o do agressor.

“Às vezes é importante entender que a violência é um crime, sim... mas existe ali uma base, que é um pedido de ajuda mútuo. Porque de um lado existe quem quer gritar e não quer perder aquela mulher, porque todos os medos, todas as coisas estão lá. As inseguranças, o sentimento de posse. E depois existe o outro lado que é 'não me prendas por favor, eu estou aqui, não é preciso existir esta prisão', afirmou.

Casa de abrigo, o primeiro passo para sair da violência


Sónia Grilo contou que passar por uma casa de abrigo da APAV foi um passo importante para se libertar da violência. A APAV reforçou-a para a tomada de decisão e capacitou-a para a escolha que ela queria fazer.

“Eu tinha que tomar uma decisão e a decisão tinha que ser tomada logo ali, naquele exato momento. Ou era eu ou eram muitas outras coisas. E então eu decidi que queria ter um futuro. E queria ter um futuro para a minha filha também. Eu queria fazer algo diferente, não só por mim, mas também para o outro lado. E então pedi ajuda a um amigo e ele só me disse: tens este número, ou ligas tu, ou ligo eu. É melhor que lighes tu. E eu liguei. Um dia depois estava a ser ouvida e mais dois dias depois disseram-me é agora, está na hora. E então eu tinha que decidir ali. Então teve que ser tudo muito rápido porque tinha casa, tinha tudo, tinha as minhas coisas todas. E o que é que é mais importante para mim, agora? É o material todo que está aqui à minha volta ou a minha dignidade, a minha vida, uma construção? Foi uma decisão fácil porque eu queria viver. E então saí. Saí com a minha filha”, recordou.

O psicólogo Daniel Cotrim, da APAV, que participou da mesma entrevista na "21ª Hora", explicou que as casas de abrigo devem ser sempre vistas e entendidas como o fim último naquilo que é a proteção das vítimas de violência doméstica.

Quinze famílias receberam a chave que “muda a vida toda”

Câmara de Valongo entregou habitações a famílias carenciadas do concelho

Por **Isabel Rodrigues Monteiro** - Jun 22, 2016  0

22 de Junho de 2016. Para muitos é só mais um dia no calendário, mas para 43 pessoas do concelho de Valongo esta data tem um sabor especial. É o dia que marca o arranque de uma nova vida. Esta quarta-feira receberam das mãos do presidente da Câmara Municipal de Valongo as chaves para a nova casa, uma habitação social. Para muitos o molhe de chaves hoje recebido fará toda a diferença num futuro que hoje começou.



Para as 15 famílias beneficiadas é um virar de página na vida, em muitos casos marcados por situações complicadas, não só financeiras. As lágrimas que caíram pelo rosto de Fernanda Pesqueira, de 46 anos, quando recebeu as chaves para um T3 no Bairro de Sampaio, em Ermesinde, são facilmente justificadas. Quando há 20 anos estava já viúva e tinha dois filhos a seu cargo candidatou-se a uma casa da câmara. Não foi contemplada. Entretanto, conta, encontrou um companheiro com quem teve mais dois filhos e viveu junto 17 anos. Nos últimos oito anos foi vítima de violência doméstica. Os problemas de saúde do filho mais novo, hoje com 13 anos, entre os quais paralisia cerebral e doente celíaco, fizeram com que Fernanda tivesse “medo de viver sozinha”, pensando que não teria capacidade para tratar dos filhos sem a ajuda do companheiro. Em Setembro de 2015 chegou a coragem de colocar um ponto final à violência de que era vítima e com a ajuda da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima saiu de casa com os três filhos que tem ainda a seu cargo, com idades compreendidas entre os 24 e os 13 anos. Alugou um T3 por 275 euros. O valor exacto que recebe mensalmente de Rendimento Social de Inserção. Da Câmara Municipal de Valongo recebia já o apoio alimentar, que garantia duas refeições diárias. Fernanda Pesqueira não tem emprego desde que nasceu o filho mais novo. Há um mês pediu novamente ajuda à Câmara de Valongo, sempre com o apoio e intervenção dos técnicos da APAV. A resposta foi célere e agora “a vida muda toda”. Vai para Sampaio para um T3 pagar uma renda de 9.90 euros, o que deixa mais disponibilidade financeira para atender às necessidades do filho mais novo. Hoje as lágrimas são de felicidade!



O **ESPAÇO APAV & CULTURA** PROMOVE NO PRÓXIMO DIA 23 DE JUNHO, ÀS 19H30, UM CONCERTO COM **FILIPE FURTADO E LEONOR ARNAUT**.

Filipe Furtado vem de paragens açoreanas, Leonor Arnaut de terras de Coimbra. Pelas salas de ensaio da Tone Music School (Coimbra) travaram amizade e juntam-se de novo para reinterpretar canções e apresentar originais. A Bossa Nova, o jazz e alguns clássicos do cancionero açoriano andam lado a lado na guitarra de **Filipe** e na voz de **Leonor**, nessa simples beleza do dueto.



FILIPE FURTADO E LEONOR ARNAUT, NA APAV

· 21 JUN 2016 · 23:29 ·



O Espaço APAV & Cultura irá acolher, no próximo dia 23 de Julho, um concerto da dupla Filipe Furtado e Leonor Arnaut.

Na génese do espectáculo estarão reinterpretações de canções e também alguns originais, num cruzamento entre Açores e Coimbra que se fará ao sabor do jazz e da bossa nova. O concerto terá lugar pelas 19h30 e, como de costume, a entrada é livre. De forma a saberem ao que vão, eis um tema de Furtado com o melhor título de sempre.

